

8

Referências bibliográficas

- ALBERTI, Verena. **Manual da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005, 3ª. edição.
- ANDERSON, J. A. Accountability in education. In: IAE, IIEP, UNESCO. Paris, 2005. (Education Policy Series). Disponível em: <http://www.unesco.org/iiep/>. Acesso em: dez. 2006.
- ANDRÉ, Marli. A pesquisa sobre formação de professores no Brasil-1990-1998. In: CANDAU, Vera (org.). **Ensinar e Aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, pp.83-99.
- _____. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papirus, 2005, 12a. edição.
- ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 9ª. Edição. Petrópolis: Vozes, 2007.
- ARROYO, M. G. , CALDART, R. S. e MOLINA, M. C (orgs.). **Por Uma Educação do Campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisa de Survey**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- BECKER, Howard. S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1999, pp.117-133.
- BESERRA, B. & DAMASCENO, M. N. Estudos sobre educação rural no Brasil: estado da arte e perspectivas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n. 1, pp.73-89, jan./abr.2004.
- BOING, Luiz Alberto. **Os sentidos do trabalho dos professores itinerantes**. 2008. 174 p. Tese. (Doutorado em Educação). – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- BONAMINO, Alicia. Gestão educacional: o que dizem as pesquisas. In: **Nuevamerica**. Rio de Janeiro, março, 2005, pp. 34-39.
- BORGES, Cecília M. F. **O professor da educação básica de 5ª. a 8ª. série e seus saberes profissionais**. 2002. 211p. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento

de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

BOUDON, Raymond. **A Ideologia Ou a Origem das Idéias Recebidas**. São Paulo: Ática, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 4 a. edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____.(org.) **A Miséria do Mundo**. 5ª. Edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. Os Excluídos do Interior. In: NOGUEIRA, MA e CATANI, A (org). **Bourdieu: escritos de educação**. 6ª. Edição. Petrópolis, Vozes, 2004, pp.217-228.

_____. **Razões Práticas-sobre a teoria da ação**. 7 a. edição. Campinas: Papirus, 2005.

BRANDÃO, Carlos R. **O Trabalho de Saber: cultura camponesa e escola rural**. São Paulo: FTD, 1990.

BRASIL. Manifesto Dos Pioneiros Da Educação Nova. Brasília **Revista Brasileira De Estudos Pedagógicos**, 65(150), p. 407-25, maio/ago, 1984.

BRASIL, INEP. Estatística dos professores no Brasil. Brasília: outubro 2003. Disponível em www.sbfisica.org.br/arquivos/estatisticas_professores_INEP_2003 Acesso em: fev. 2006.

BRASIL, INEP. SAEB 2005. Brasília: fevereiro 2007. Disponível em http://www.inep.gov.br/download/saeb/2005/SAEB1995_2005.pdf Acesso em: set. 2007.

BRASIL, INEP. Censo Escolar 2007. Disponível em <http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse/sinopse.asp> Acesso em: jan. 2008

BRASIL, INEP. EDUDATABRASIL - Sistema de Estatísticas Educacionais. Disponível em <http://www.edudatabrasil.inep.gov.br> . Acesso em out. 2007.

BRESSOUX, Pascal. As pesquisas sobre o efeito-escola e o efeito-professor. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte: no. 38, dez. 2003, pp.17-85.

BROOKE, Nigel. O futuro das políticas de responsabilização educacional no Brasil. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 128, maio/ago., 2006.

BRUNER, J. **A Cultura da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

_____. **Atos de Significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BUENO, B. O. O Método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.28, n.1, jan.jun, 2002, pp. 11-30.

BUENO, B. O, CHAMILIAN, H. C., SOUZA, C. P. de, CATANI, D. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.32, n. 2, maio/ago, 2006, pp. 385-410.

CALAZANS, Maria J. C. Para Compreender a Educação do Estado no Meio Rural – traços de uma trajetória. In: THERRIEN, Jacques. **Educação e Escola no Campo**. Campinas: Papyrus, 1993, pp.15-42.

CANÁRIO, Rui. Os estudos sobre a escola: problemas e perspectivas. In: BARROSO, João (org.) **O Estudo da Escola**. Porto: Porto Editora, 1996, pp. 121-149.

_____. Escola: o lugar onde os professores aprendem. In: **Psicologia da Educação**, 6, pp. 9-27, 1998.

_____. A Escola no Mundo Rural: Contributos para a construção de um objecto de estudo. In: **Revista Educação Sociedade & Culturas**, nº 14, 2000, pp.121-139.

_____. **O que é a Escola?** Um “olhar” sociológico. Porto: Porto editora, 2005.

_____. Prefácio. In: PRADO, G.do V. T. & SOLIGO, R. **Porque Escrever É Fazer História**. Campinas: Alínea, 2007a.

_____. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <eloizadidasneves@redewb.net> em 12 abril 2007, 2007b.

CANDAU, Vera M.(org.). **Reinventar a Escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CAPELO, M. R. Entre a igreja e a escola: memórias de professoras do meio rural. In: **Boletim Cent.Let.Ci.Hum**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina. No. 47, jul/dez/2004, pp.21-42.

_____. Múltiplas Leituras. In: **Revista eletrônica da Faculdade de Educação e Letras/ Universidade Metodista de São Paulo**. v. 1, n. 1, São Bernardo do Campo: UMESP, 2008.

CARDOSO, Tereza M. R. F. L. **As luzes da educação**: fundamentos, raízes históricas e prática das Aulas Régias no Rio de Janeiro. 1759-1834. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002.

CARNEIRO, Maria J. Ruralidade: novas identidades em construção. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 11: 53-75, out.1998.

CATANI, Denise. Estudos de História da Profissão Docente. In LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CAVALCANTE, RITA L. A. **A Escola rural e seu professor no Campo das Vertentes**. 2003. 152 p. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CHARLOT, Bernard . **Da relação com o saber**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

_____. Cultura, alteridade e educação. Sessão especial da 28ª. Reunião da Anped. Caxambu: outubro de 2005.

CORREIA, J. A. Mudança educacional e formação: venturas e desventuras do processo social da produção da identidade profissional dos professores. In: **Inovação**. vol. 4, no. 1. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1991, pp.149-165.

CUNHA, Luiz A. **Educação e Desenvolvimento Social no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, 12ª. ed.

DaMATTA, Roberto . **A Casa & a Rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAYRELL, J. (org.). **Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996, pp.136-161.

DEMARTINI, Zeila de B. F. Desigualdade, Trabalho e Educação: a população rural em questão. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo (64), fev. 1988, pp. 24-37.

DEMO, Pedro. **Avaliação-** para cuidar que o aluno aprenda. São Paulo: Editora CRIARP, 2006.

DUARTE, Newton. Conhecimento tácito e conhecimento escolar na formação do professor (Por que Donald Schön na entendeu Luria). In: **Educação e Sociedade**. Campinas: Cedes, vol. 24, no. 83, agosto 2003, pp.601-626.

DUBAR, Claude. **A Socialização:** construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **A Crise das Identidades:** a interpretação de uma mutação. Porto: Afrontamento, 2006.

DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

_____. A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização In: **Contemporaneidade e Educação**. Revista Semestral de Ciências Sociais e Educação Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada. Rio de Janeiro: IEC. Ano III, n.3, 1998.

_____. **Le Declin de L'Institution**. Paris: Éditions de Seuil, 2002.

_____. **As Desigualdades Multiplicadas**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003.

ELBAZ, Freema. Research on teachers' knowledge: the evolution of a discourse. **Journal of Curriculum Studies**. 23 (1), 1991, pp.1-19.

ENGUITA, Mariano F. A ambigüidade da docência. In: **Teoria & Educação**, 4, 1991, pp.41-61.

ESTEBAN, Maria Teresa. A avaliação no cotidiano escolar. In: ESTEBAN, Maria Teresa. (org.) **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, pp.7-28.

ESTEVE, José M. Mudanças Sociais e Função Docente. In: NÓVOA, António. **Profissão Professor**. 2ª. ed. Porto: Porto Editora, 1995, pp. 93-124.

EZPELETA, Justa & ROCKWELL, E. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Cortez, 1986.

FARIA, Roberto. 1992. Breve Contribuição à História da Região Serrana. 428p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1992.

FAZENDA, Ivani C. A . **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. Campinas: Papirus, 1994.

FERNANDES, Rogério. Ofício de professor: o fim e o começo dos paradigmas. In: SOUZA, Cynthia P. de & CATANI, Denise B. **Práticas Educativas, Culturas Escolares, Profissão Docente**. São Paulo: Escrituras Ed., 1998, pp.01-20.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A. e FINGER, M.(orgs) **O Método (auto)biográfico e a Formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Departamento de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988, pp.17-34.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso. Pesquisa etnográfica em educação. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/abril 1999, no.10, pp.58-78.

FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: Guimarães, A.Z. (org.) **Desvendando Máscaras Sociais**. RJ: Francisco Alves, 1980, p.123-74, pp.77-86.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREYRE, Gilberto. Palavras às Professoras Rurais do Nordeste. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro: INEP, vol 28, no. 68, out-dez-1957, pp. 40-50.

GARIGLIO, José Angelo. A cultura docente de professores de educação física de uma escola profissionalizante. 2004. 281p. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

GARNICA, A.V.M & MARTINS, M.E.. Educação e Educação Matemática em escolas rurais do Oeste Paulista: um olhar histórico. Programa de Pós Graduação em Educação Matemática e Faculdade de Ciências, UNESP Rio Claro/Bauru, 2005 (mimeo).

GARNICA, Antonio V.M. Escolas, professores e caipiras: exercício para um descentramento histórico. São Paulo: **Educação e Pesquisa**, vol.1, n.1, jan./abr. 2005, pp. 121-136.

GEERTZ, C. **A Interpretação da Cultura**. RJ: Jorge Zahar, 1978, capítulo 1.

GOODSON, Ivor. Hacia un desarrollo de las historias personales y profesionales de los docentes. In: **Revista Mexicana de Investigación Educativa**. Septiembre-diciembre, 2003, vol. 8, no.19, pp. 733-758.

HALL, Robert K. Educação Rural. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro: INEP, 1950, p. 17-40.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. **A Vida dos Professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

HUTMACHER, W. A Escola em todos os seus estados: das políticas de sistemas às estratégias de estabelecimento. In: NÓVOA, A (coord.). **As Organizações Escolares em Análise**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992, pp.46-76.

HYPOLITO, A. M. et all. Trabalho docente, profissionalização e identidade: contribuições para a constituição de um campo de estudo In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte: V 37, dossiê Trabalho Docente, 2003, pp.123-137.

KENSKI, V. M. Múltiplas linguagens na escola. In: CANDAU, V. (org.) **Linguagens, Espaços e Tempos no Ensinar e Aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, pp.123-140.

KONDER, Leandro. **A Poesia de Brecht e a História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares: as razões do improvável**. São Paulo, Ática, 1997.

LAPO, F. R. e BUENO, B. O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. In: **Cadernos de Pesquisa**. V..118, 2003, pp. 65-88.

LAWN, Martin. Os professores e a fabricação de identidades. In: **Currículo sem Fronteiras**, v.1, n.2, , Jul/Dez. 2001, pp. 117-130.

LELIS, Isabel A. A polissemia do magistério – entre mitos e histórias. 1996. Tese (Doutorado em Educação). Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

_____. Modo de trabalhar de professoras: expressão de estilos de vida? In: CANDAU, Vera. **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1997, pp. 151-159.

_____. Do Ensino de Conteúdos aos Saberes do Professor: mudança de idioma pedagógico? In: **Educação e Sociedade**. Campinas: Cedes, ano XXI, abril de 2001, no. 74, pp. 43-58, 2001a.

_____. Profissão Docente: uma rede de histórias. In: **Revista Brasileira de Educação**, no.17, maio/jun/jul/ago 2001, pp.40-49, 2001 b.

LELIS, I. A; IÓRIO, A.; MESQUITA, S. ; NASCIMENTO, M. G. Profissão docente: intensificação e complexificação. In: **Seminário de la Red de Estudios sobre trabajo docente**, 8, BuenosAires: Red Estrado, 2008.

LOUREIRO, Ana Maria B. **Professor: identidade mediadora**. Rio de Janeiro: Ed. Loyola, 2004.

LUDKE, Menga. Sobre a socialização profissional dos professores. São Paulo: **Caderno de Pesquisa**, nov/96, 1996, pp.5-15.

_____. Parecer sobre projeto de tese no Exame de Qualificação I apresentado ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Educação da PUC-Rio. Rio de Janeiro: PUC-Rio, maio/ 2006.

MAFRA, Leila de A. A Sociologia dos estabelecimentos escolares. In: ZAGO, N., CARVALHO, M.P. e VILELA, R.A. T. (org.). **Itinerários de Pesquisa-perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MAIA, E. M. Educação Rural no Brasil: o que mudou em 60 anos? In: **Ande-Revista da Associação Nacional de Educação**., no.3, ano 1, 1982.

MALINOWSKI, B. Tema, método e objetivo desta pesquisa. In: ZALUAR, A. (org.). **Desvendando Máscaras Sociais**. RJ: Francisco Alves, 1980, pp.39-61.

MAROY, C. Convergências e divergências dos modos de regulação numa perspectiva européia. In: BARROSO, João (org). **A Regulação das Políticas Públicas de Educação: espaços dinâmicas e actores**. Lisboa: Educa, 2006.

MASTRÁNGELO, Andrea. Londres y Catamarca. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 6, n.13, junho de 2000, pp.89-112.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória de sentimentos. In: OLIVEIRA, R. C. de. **Mauss: Antropologia**. São Paulo: Ática, 1979 (1921).

MENDONÇA, Ana W. A Reforma Pombalina dos estudos secundários e seu impacto no processo de profissionalização do professor. Rio de Janeiro: PUC-Rio, mimeo, 2005.

MONTEIRO, Ana Maria F. da C. **Ensino de história entre saberes e práticas**. 2002. Tese (Doutorado em Educação)- Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

NASCIMENTO, D. R. C. **A profissionalização docente em questão**. 169p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2005.

NEVES, Eloiza D. **Os saberes das docentes que trabalham em educação ambiental - considerações de uma professora**. 2002. 127p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

NOGUEIRA, Cláudio M. M. e NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade**. [online]. 2002, vol. 23, no. 78, pp. 15-35. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: abri de 2008.

NÓVOA, António. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. In: **Teoria e Educação**. Porto Alegre, no. 4, 1991a, pp. 109-139.

_____. A formação contínua entre a pessoa-professor e a organização-escola. In: **Inovação**. vol. 4, no. 1. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1991b, pp.63-76.

_____. Para uma análise das instituições escolares. In NÓVOA, António. (org.). **As Organizações Escolares em Análise**. Lisboa: Dom Quixote, pp.13- 43, 1992a.

_____. **A Vida dos Professores**. Porto: Porto Editora, 1992b.

_____. **Profissão Professor**. Porto: editora Porto, 1995a.

_____. **Os Professores e Sua Formação**.(org). Lisboa: Dom Quixote, 1995b, pp.15-33.

_____. **Tempos da escola no espaço Portugal-Brasil-Moçambique: Dez Digressões Sobre um Programa de Investigação**. 3º Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Coimbra: 23 de Fevereiro de 2000.

_____. O espaço público da educação: imagens, narrativas e dilemas. In: **Espaços de Educação, Tempos de Formação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp.237-263, 2002.

OLIVEIRA, R. C. **O Trabalho do Antropólogo**. SP: UNESP, Paralelo, 1998, pp.17-35.

PÉREZ GÓMEZ, Angel I. **A Cultura Escolar na Sociedade Neoliberal**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação – Perspectivas Sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

_____. **Ofício do Aluno e Sentido do Trabalho Escolar**. Porto: Porto, 1995.

_____. **Avaliação**. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

_____. **Ensinar: Agir na Urgência, Decidir na Incerteza**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

PESSOA, Jadir de M. Extensões do rural e educação. Texto apresentado na Sessão Especial “Educação, Trabalho e Movimentos Sociais”, VI EPECO – Encontro de Pesquisa em Educação do Centro-Oeste. Campo Grande: 18 a 20 de junho de 2003.

PIMENTA, Selma G. A didática como mediação na construção da identidade do professor- uma experiência de ensino e pesquisa na licenciatura. In: ANDRÉ, M.& OLIVEIRA, M. R. (orgs). **Alternativas do Ensino de Didática**. São Paulo: Papirus, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, Olga de M.(org.). **Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988.

ROCHA, M. Isabel. A.& SOARES, M. Rosalina. Escola e migração: o que dizem as professoras? **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis: EDUFSC. Especial Temática, 2002, pp.343-352.

ROSA, José Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, 5ª. edição.

SACRISTÁN, J.Gimeno. **Poderes Instáveis em Educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999, pp.17-69.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências**. Porto: Afrontamento, 2002.

SCHAEFFEL, Sarita L. **O Instituto de Educação do Rio de Janeiro e a construção de uma identidade profissional (1930-1960)**. 1999. 249p. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

SCHNAPPER, Dominique. **A Compreensão Sociológica**. Lisboa: Gradiva, 2000.

SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António. **Os Professores e Sua Formação**.(org). Lisboa: Dom Quixote, 1995, pp.79-114.

SENNET, Richard. **Respeito**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2004, pp.54-65.

SHULMAN, Lee S. Those who understand: knowledge growth in teaching. In: **Educational Research**. 15(2), 1986, pp 4-14.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O Que Produz e o Que Reproduz em Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SIMMEL, G. Sociabilidade-um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, E. de. (org.). **Simmel: Sociologia**. RJ: Jorge Zahar, 1978, pp.165-181.

SOARES, José Francisco. Melhoria do desempenho cognitivo dos alunos do ensino fundamental. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 130, 2007 . Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 21 Ago 2008.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro no. 13, jan/fev/mar/ab. 2000, pp. 5-14.

_____. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice, LESSARD, Claude & LAHAYE, Louise. Os professores face ao saber-esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria e Educação**. No 4, 1991.

TARDIF, Maurice & LESSARD, Claude. **O Trabalho Docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2005.

TEDESCO, J. C. & FANFANI, E. T. Novos docentes e novos alunos. In: **Ofício de Professor na América Latina e Caribe**. Brasília: Conferência Regional “O Desempenho dos Professores na América Latina e no Caribe: novas Prioridades”. Julho, 2002.

UNESCO. **O Perfil dos Professores Brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam**. São Paulo: Moderna, 2004.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2002.

VICENTINI, Paula P. A profissão docente no Brasil: sindicalização e movimentos. In: STEPHANOU, Maria & BASTOS, Maria Helena C. (org.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil-** vol. III: século XX. Petrópolis: Vozes, 2005.

VILLELA, Heloisa. O mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliana M.T., FILHO, Luciano M.F. & VEIGA, Cyntia G. **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

WAUTIER, Anne Marie. Para uma Sociologia da Experiência. Uma leitura contemporânea: François Dubet. *Sociologias*. Porto Alegre, n. 9, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222003000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 Nov 2006

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura:** notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. RJ: Jorge Zahar Ed., 1981, pp. 123-132.

_____. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

9 Anexos

ANEXO 1

Distribuição das notas de desempenho dos estudantes do Viola, do município e do Brasil

Anos	2005				2007			COLÉGIO VIOLA
	Brasil	UF	Município	COLÉGIO VIOLA	Brasil	UF	Município	
Média da Prova Objetiva	32,151	33,046	39,415	39.68	43,919	44,278	57,510	60.88
Média Total (redação e prova objetiva)	41,424	41,364	50,720	52.92	48,162	47,975	59,200	60.08
Média da Prova Objetiva com correção de participação	31,608	32,553	39,140	39.67	43,333	43,686	57,275	60.41
Média Total (redação e prova objetiva) com correção de participação	39,809	39,779	48,975	51.57	47,731	47,547	59,050	59.78

Fonte: INEP (Brasília, 2006, 2007, 2008)

Obs: em 2006 a escola não atingiu o mínimo de estudantes para obter conceito no ENEM, o que parece mostrar a realidade de que poucos estudantes conseguem chegar ao final do processo.

ANEXO 2

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS E RESPONSÁVEIS

Caro aluno,

Gostaria de agradecer sua atenção ao responder este questionário. Fique à vontade para marcar as opções pois seu nome não será exigido.

Obrigada

1. Turma: _____

2. Idade: _____

3. Sexo: a. () Masculino
b. () Feminino

4. Há quantos anos estuda nesta escola? _____

5. Você trabalha? () sim não()

5.1. Se sim, fazendo o quê?

- a) () ajudando a mãe em casa
b) () trabalhando na roça
c) () sendo diarista
d) () trabalhando como babá
e) () Outra coisa. O quê? _____

5.2. Quanto tempo por dia ?

- a) () até uma hora
b) () de uma a duas horas
c) () duas a quatro horas
d) () quatro a seis horas
e) () mais de 6 horas

6. Marque as pessoas que **MORAM NA MESMA CASA** que você:

- a. () Pai
b. () Mãe
c. () Padrasto/Madrasta
d. () Avô
e. () Avó
f. () Irmãos. Quantos? _____
g. () Filhos. Quantos? _____
h. () Primo(a). Quantos? _____
i. () Tio(a). Quantos? _____
j. () Outros parentes. Quantos? _____
k. () Amigo(a). Quantos? _____

7. Contando com você, quantas pessoas ao todo moram na mesma casa que você? _____

8. Seu **PAI** (ou responsável por você: avô, padrasto, pai de criação) estudou:

- a. () Não estudou
b. () Até a 4ª série
c. () Da 5ª à 8ª série
d. () Ensino Médio (antigo 2º grau)
e. () Faculdade
f. () Não sei

8.1. Qual a principal ocupação dele?

- a. () lavoura própria
b. () lavoura a meia
c. () mensalista
d. () outra. Qual? _____

9. Sua **MÃE** (ou responsável por você: avó, madastra, mãe de criação) estudou:

- a. () Não estudou
b. () Até a 4ª série
c. () Da 5ª à 8ª série
d. () Ensino Médio (antigo 2º grau)
e. () Faculdade
f. () Não sei

9.1. Qual a principal ocupação dela?

- a. () dona de casa
b. () doméstica
c. () confecção
d. () lavradora
e. () outra. Qual? _____

10. Além dos **LIVROS ESCOLARES**, quantos livros têm na sua casa? (não conte jornais, revistas ou gibis)

- a. () nenhum
b. () de 1 a 20 livros
c. () de 21 a 100 livros
d. () mais de 100 livros

11. No ano passado, você leu:

(pode marcar mais de uma opção)

- a. () revistas em quadrinhos ou de humor
b. () livros de ficção ou romances
c. () jornais
d. () revistas semanais (veja, época, istoé)
e. () livros religiosos
f. () outro. Qual? _____

12. Em sua casa, há um local calmo, com mesa para você estudar e fazer o dever?

() sim () não

13. Quantos dos seguintes itens há no lugar onde você mora?

(marque a quantidade correspondente para cada item ou zero quando não houver nenhum)

- | | | | |
|----------------------------|----------------------------|----------------------------|------------------------------------|
| A. sala separada do quarto | <input type="checkbox"/> 0 | <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 2 ou mais |
| B. banheiro | <input type="checkbox"/> 0 | <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 2 ou mais |
| C. rádio | <input type="checkbox"/> 0 | <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 2 ou mais |
| D. tv à cores | <input type="checkbox"/> 0 | <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 2 ou mais |
| E. antena parabólica | <input type="checkbox"/> 0 | <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 2 ou mais |
| F. videocassete | <input type="checkbox"/> 0 | <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 2 ou mais |
| G. geladeira | <input type="checkbox"/> 0 | <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 2 ou mais |
| H. freezer | <input type="checkbox"/> 0 | <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 2 ou mais |
| I. máquina de lavar roupa | <input type="checkbox"/> 0 | <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 2 ou mais |
| J. tanquinho | <input type="checkbox"/> 0 | <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 2 ou mais |
| K. computador | <input type="checkbox"/> 0 | <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 2 ou mais |
| L. celular | <input type="checkbox"/> 0 | <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 2 ou mais |
| M. DVD | <input type="checkbox"/> 0 | <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 2 ou mais |
| N. automóvel | <input type="checkbox"/> 0 | <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 2 ou mais |

14. Marque nas opções abaixo, o que você costuma fazer no **FIM DE SEMANA**:

- a. trabalhar
- b. andar à toa e conversar com os amigos na rua
- c. ir à igreja
- d. ouvir música
- e. ver televisão
- f. assistir ou jogar futebol
- g. conversar com amigos na internet
- h. passear de bicicleta
- i. ir a festas ou bailes

15. Você já foi ao **CINEMA** ?

Sim Não

16. Você repetiu de ano ?

- a. não, nunca repeti de ano
- b. sim, 1 vez
- c. sim, 2 vezes
- d. sim, 3 vezes ou mais

17. Você abandonou a escola durante algum tempo?

- a. não.
- b. sim, por menos de 1 ano.
- c. sim, por 1 ano.
- d. sim, por 2 ou mais anos.

18. O que você acha que estará fazendo daqui a **DOIS** anos?

- a. Somente estudando
- b. Somente trabalhando
- c. Estudando e trabalhando
- d. Não sabe
- e. Outra situação. Qual? _____

19. O que você acha que estará fazendo daqui a **DEZ** anos?

- a. Somente estudando
- b. Somente trabalhando
- c. Estudando e trabalhando
- d. Não sabe
- e. Outra situação. Qual? _____

ANEXO 3

Quadro com os conceitos pesquisados e a sua operacionalização com os itens do questionário dos alunos

Conceito	Especificação	Operacionalização com o item de questionário (I)
Capital cultural	Recursos culturais disponíveis e/ou incorporados	I.9; I. 10; I.11; I.14; I.15
Capital econômico	Indicadores de renda	I.5; I.13
Capital social	Envolvimento da família com a escola	I.17
Caracterização sociodemográfica	Idade	I.2;
	Escolaridade dos pais e dos responsáveis	I.8; I.9
	Composição familiar	I.6; I.7;
	Gênero	I.3
Trajétoria escolar		I.1; I.4; I.16; I.18; I.19
Práticas de estudo	Dever de casa	I.12

I: item do questionário

Quadro com os conceitos pesquisados e a sua operacionalização com os itens do questionário dos professores

Conceito	Especificação	Operacionalização com o item de questionário (I)
Capital cultural	Recursos culturais disponíveis e/ou incorporados	I.13; I.14; I.15; I.16; I.17; I.18; I.19
	Religião	I. 4
Capital econômico	Indicadores de renda	I.5; I.8; I.9; I.10; I.23
Capital social	Envolvimento com a escola	I. 21
Caracterização sociodemográfica	Idade	I.2;
	Composição familiar	I.6; I.7
	Gênero	I.3
	Classificação social	I. 11
	Classificação étnica	I.12
Trajétoria escolar/profissional		I.16; I.20; I.21; I.22

I: item do questionário

ANEXO 4

Roteiro de entrevista com os professores

Trajetória familiar

Fale um pouco de sua família de origem: onde você nasceu?

- 1) Onde morava na infância?
- 2) Que faziam seus pais e avós?
- 3) Durante a sua infância e juventude, que experiências em sua vida familiar foram importantes para a escolha da profissão?
- 4) Houve influência de pessoas-chaves para essa escolha da profissão?
- 5) Algum professor na família?
- 6) E fora da vida familiar, que outras experiências foram importantes? Por quê?

Formação/ trajetória escolar

Fale um pouco de sua trajetória escolar:

- 1) Em que escolas estudou? Como era a escola?
- 2) Ao longo de sua escolarização básica há fatos, situações e pessoas que 2.1) influenciaram sua escolha profissional ou 2.2) marcaram o seu jeito de ser professor?
- 3) Normal ou faculdade (Onde e quando se graduou? Pública ou privada?) Como era o curso? O que foi mais positivo e mais negativo?
- 4) Dessa experiência de formação, o que você acha que mais marcou a sua prática profissional?
- 5) Pós-graduação? Cursos de formação continuada? (quais? Onde? Periodicidade)

Experiência/ trajetória profissional

- 1) Disciplinas que leciona
- 2) Regime de trabalho: Carga horária (aula/ outras atividades)
- 3) Há quanto tempo leciona?
- 4) Trabalha em outras escolas? (Quais?)

CICLOS DE VIDA: fale um pouco do atual momento de sua carreira. Como se sente?

- 1) E o início?
- 2) Considera que em algum momento de sua vida houve mudanças na trajetória profissional?
- 3) Houve momentos de maior investimento pessoal na carreira? Se sim, quando?
- 4) Algum momento se pôs em questão, achou monótona a vida cotidiana da sala? Ou sentiu-se desencantado (a) frente a momentos difíceis?

INTEGRAÇÃO NA ESCOLA COMO ORGANIZAÇÃO: Por que trabalha no Colégio Viola? Como se deu a sua entrada?

- 1) Que dificuldades enfrentou?
- 2) Quanto tempo trabalha aqui?
- 3) Você conhece/participou da criação do Projeto Político Pedagógico? (se sim, como?)
- 4) Quais são os aspectos positivos e negativos da escola?

- 5) Como é a direção/ coordenação. Ela interfere em seu trabalho? (se sim, como?) Há diferenças desde a sua chegada?
- 6) Há oportunidades de interação com os demais profissionais da educação (conselho de classe, reuniões)? Como são? Qual a frequência?

MODOS DE ORGANIZAÇÃO E PLANEJAMENTO DO TRABALHO: Conte-me um dia de seu trabalho.

- 1) Você acha que tem um estilo próprio de ensinar?
- 2) O que você acha que foi fundamental para seu estilo de docência?
- 3) Como acontece a comunicação com os alunos (deslocamentos frequentes, olhar para todos, intervém imediatamente frente a problemas disciplinares, dá claramente instruções, acompanha as mudanças de atividades): Na comunicação com os alunos, o que você acredita que faz funcionar?
- 4) Quais são as estratégias para motivar os alunos em relação à aprendizagem de saberes: na transposição didática, aparece a preocupação com a motivação, o nível, a heterogeneidade dos alunos etc?
- 5) A gestão de classe: como estabelece rotinas, define regras de convívio coletivo, expectativas, como são as formas de trabalho (em grupo, individual etc);
- 6) Como tem lidado com a novidade da sala de computadores? E com a chegada da Internet à escola?
- 7) Fale um pouco do impacto do Programa Nova Escola no desenvolvimento do trabalho (expectativas, preocupações e reações)
- 8) Como avalia?
- 9) Como é um bom professor?

PERSPECTIVAS SOBRE A EDUCAÇÃO E SOBRE A PROFISSÃO DE PROFESSOR

- 1) Por que educamos em escolas? Qual a finalidade da educação neste início de século?
- 2) Como se vê com relação ao trabalho que realiza? Como crê que é visto pelos outros (colegas, direção, alunos e pais)?
- 3) Acha que há diferenças entre os professores de 1ª. À 4ª e de 5ª. À 8ª.? Quais são?
- 4) Quais são os aspectos positivos do trabalho docente? E os negativos?
- 5) Dificuldades e desafios: quais são e como você tem tentado resolvê-los?
 - 6) Como concilia a vida profissional com a profissão? Um interfere na outra? Leva trabalhos para casa?
- 7) Sente-se sobrecarregado de trabalho?
- 8) O que você acha que estará fazendo daqui a 10 anos?
- 9) Quais são os teus sonhos?
- 10) Se não fosse professor(a), qual seria a sua profissão?

RELAÇÃO COM OS ALUNOS E REPRESENTAÇÕES SOBRE OS ALUNOS

- 1) Como vê o seu aluno? (do ponto de vista econômico, social, cultural, do desempenho na aprendizagem etc)
 - 2) Quais relações estabelecem com eles? (satisfações, dificuldades e expectativas).
 - 3) Sente alguma diferença na forma que se relaciona com eles, com o passar do tempo? (ciclo de vida)
 - 4) Que significa formar/instruir gente?
- Quais são 5.1) as exigências e 5.2) as características inerentes a um trabalho que tem esse objetivo e esse “objeto”?

ANEXO 5

ANEXO 5	
QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES	
<p>Caro Professor,</p> <p>Gostaria de agradecer sua atenção ao responder este questionário, pois será muito útil à minha pesquisa.</p> <p style="text-align: center;">Obrigada Eloiza Neves</p> <p>1. Nome: _____</p> <p>2. Idade: _____</p> <p>3. Sexo: a. () Masculino b. () Feminino</p> <p>4. Religião: _____</p> <p>5. Moradia: a. () própria b. () alugada</p> <p>6. Quantas pessoas residem na mesma casa que você? _____</p> <p>7. Marque quem são essas pessoas: a. () Pai b. () Mãe c. () Marido / Mulher d. () padastro / Madastra e. () Filhos. Quantos? _____ f. () Irmãos. Quantos? _____ g. () Filhos. Quantos? _____ h. () Outros parentes. Quantos? _____</p> <p>8. Quantas pessoas participam das despesas? _____</p> <p>9. Você participa destas despesas? a. () sim b. () não</p> <p>10. Possui empregada doméstica? a. () sim (com que frequência ela vai a sua casa? _____) b. () não</p> <p>11. Auto classificação social: _____</p>	<p>12. Auto-classificação étnica: _____</p> <p>13. Além dos livros escolares, quantos livros há na sua casa? (não conte jornais, revistas e gibis) a. () de 1 a 20 livros b. () de 21 a 100 livros c. () mais de 100 livros</p> <p>14. No ano passado, você leu (pode marcar mais de uma opção) a. () livros de ficção ou romance b. () revistas em quadrinhos ou de humor c. () jornais d. () revistas semanais (veja, época, istoé) e. () outro. Qual? _____</p> <p>15. Possui Internet em casa? a. () Sim (com que frequência a usa? _____) b. () Não</p> <p>16. Viaja todos os anos? a. () sim (com que frequência? _____ Para onde? _____) b. () não</p> <p>17. Além do português, fala outra língua? a. () sim. Qual? _____ b. () não</p> <p>18. O que costuma fazer no fim de semana? _____ _____ _____ _____</p> <p>19. Você exerce alguma das atividades abaixo? (pode marcar mais de uma opção) a. () tocar instrumento musical b. () participar de grupo de teatro c. () participar de grupo de dança d. () outra. Qual? _____</p> <p>20. Tem alguma experiência profissional fora do magistério? a. () sim. Qual? _____ b. () não</p>

21. Há quantos anos trabalha aqui nesta escola? _____

22. Trabalha em outras escolas?

a. () sim. Pública () Privada ()

b. () não

23. Quantos dos seguintes itens há no lugar que você mora?

(marque a quantidade correspondente para cada item ou zero quando não houver nenhum)

- | | |
|----------------------------|---------------------------|
| A. quarto separado da sala | () 0 () 1 () 2 ou mais |
| B. banheiro | () 0 () 1 () 2 ou mais |
| C. rádio | () 0 () 1 () 2 ou mais |
| D. tv à cores | () 0 () 1 () 2 ou mais |
| E. antena parabólica | () 0 () 1 () 2 ou mais |
| F. videocassete | () 0 () 1 () 2 ou mais |
| G. geladeira | () 0 () 1 () 2 ou mais |
| H. freezer | () 0 () 1 () 2 ou mais |
| I. máquina de lavar roupa | () 0 () 1 () 2 ou mais |
| J. tanquinho | () 0 () 1 () 2 ou mais |
| K. telefone | () 0 () 1 () 2 ou mais |
| L. celular | () 0 () 1 () 2 ou mais |
| M. DVD | () 0 () 1 () 2 ou mais |
| N. automóvel | () 0 () 1 () 2 ou mais |
| O. computador | () 0 () 1 () 2 ou mais |

ANEXO 6

Histórias: quinze percursos de formação, quinze trajetórias profissionais

A primeira história a ser narrada é a de Sofia, que tem dupla identidade na pesquisa, pois, além de sujeito, atuou como minha colaboradora¹, “abrindo” as portas da escola para a pesquisa, dando-me dicas e servindo de ponte entre mim e os sujeitos estudados. Depois desta narrativa, a ordem de apresentação das histórias segue a mesma da realização das entrevistas.

Sofia: a doce, amorosa e subversiva mestra-amiga

Sofia² nasceu no centro urbano da região de Vista Alegre, em 1955, e é professora há dezenove anos, dos quais 17 completados na escola-da-dona-Clair. Mora sozinha (é viúva há quatro anos e sua filha única realiza estudos superiores em Niterói) na fazenda de café que pertenceu aos admirados avós maternos, e onde o avô dividia seu tempo entre a política e o ofício de “tratador”, nome dado ao paramédico do lugar. Morou com eles até os 9 anos de idade, porque a mãe, professora casada com um comerciante da cidade e com muitos filhos, foi deixando-a na fazenda “passar dias, que viraram anos”.

Sofia estudou no colégio Viola e teve dona Clair, sua tia, como primeira professora. Destaca como foi bem alfabetizada, pois, ao voltar na segunda série para a cidade, era a única da turma que sabia ler, escrever e fazer conta com facilidade. Daquela época, lembra do hábito de rezarem o Pai Nosso, “que é universal”, antes de começar as aulas, atividade que faz com seus alunos atualmente.

Sofia tem lembranças boas de suas professoras primárias que diz ter amado e a

¹ Tínhamos um contato anterior quando ela era tesoureira da Associação de Moradores, Produtores Rurais e Artesãos de Vista Alegre. Esta Associação participava de um trabalho comunitário em parceria com a Organização Não Governamental da qual eu fui coordenadora geral de 1999 até 2005.

² Encontrei-a para a entrevista me esperando na varanda da enorme casa de fazenda onde mora atualmente sozinha. Impressionei-me com o silêncio do lugar cujo adjetivo anotado no caderno de anotações foi simplesmente “total”. Éramos nós e os bichos. Sofia comenta que tem um casal de preás que mora no teto da antiga casa, seus “inquilinos”, que apareceram algumas vezes durante nossa conversa.

quem credita uma grande influência no exercício do ofício, porque eram pacientes, afetuosas e, mais importante, porque uma delas escolheu sua turma para trabalhar por causa de sua presença nela, uma aluna “brilhante”. Nomeia Silvia, com quem aprendeu a encapar os cadernos dos alunos com papel de revistas velhas. Há apenas uma lembrança negativa de uma professora que a beliscou injustamente e a humilhou, e que usa como o “antiexemplo”. Sofia diz que compensava a timidez com o empenho nos estudos, que ocuparam grande tempo de sua vida, pois, depois de parte do curso primário no Viola, foi para a cidade, onde fez o antigo segundo grau (em escolas particulares) e, então, faculdade de Psicologia na Universidade Federal Fluminense, seguida de uma especialização em Psicanálise e uma capacitação em tecnologia educacional.

Ao terminar a faculdade e voltar para a terra natal, em 1982, a psicóloga Sofia deparou-se com a falta de emprego, e resolveu fazer o então curso Normal e virar professora. Começou como formadora de professores em um colégio particular, dando aulas de psicologia, antes de fazer o concurso público e ir trabalhar no Viola. Ela atualmente trabalha como professora primária, mas já deu aulas de todas as matérias, menos religião (“Mas eu acho que daria conta!”, disse ela entre risos), para todas as séries, pois sempre que a “tia Clair” tinha problemas de falta de professor apelava para a sobrinha: “era a ‘professora tapa buraco’. Faltava professor, bota a Sofia!”.

Além disso, Sofia agora atende em consultório particular e faz um trabalho de “melhoria da auto-estima” com um grupo de pessoas carentes da terceira idade. Sobre essa clara e assumida dupla identidade profissional, ela diz que não saberia dizer qual a preferida, porque todas a gratificam muito, pois elas “formam pessoas” para transformar o mundo³.

A maioria dos estudantes do Viola é considerada como brilhante (alguns dos quais “ficariam muito bem numa universidade”), muito interessada, tem orgulho da escola, valoriza, junto com as famílias, os diplomas recebidos, pois sabe que eles

³ Em suas palavras:

Aí é que a Educação se encontra com a Psicanálise, pois ambas têm como ferramenta primordial provocar o questionamento que propicia a mudança. Tanto o aluno quanto o analisando são convidados à reflexão sob uma nova forma de olhar o mundo e a si mesmo, numa relação sempre dialética com o conhecimento.

representam uma melhoria na qualidade de suas vidas, mesmo que continuem na lavoura. Sobre a atual turma, de alunos repetentes, e, portanto, com problemas de aprendizagem, ela diz: “quando eu fui pegá-los nas suas turmas, eles pareciam que estavam indo para a forca. Falavam na hora do recreio: “estou aqui porque sou burro e não aprendo”. Depois falaram: “tia, explica para ela, porque ela disse que estamos com você porque somos burros”. Eu disse; “*Não!* Vocês estão comigo porque foram escolhidos!” [risos]. Agora eles falam: ‘eu sou escolhido!’”.

Essa capacidade de subverter a ordem foi citada por ela como uma das exigências para o exercício do ofício docente na atualidade, porque “a gente quer que o indivíduo tenha mecanismos de dar um sentido pessoal à sua vida, enquanto a sociedade está pedindo para a gente formar massa produtiva, que produz, consome e não questiona. A gente está querendo o indivíduo, o sujeito, que ele tenha instrumentos dentro dele para dizer *não* a essa loucura do mundo”. Outra exigência do trabalho docente é acreditar. Acreditar que se pode *realmente* ajudar o outro.

Sofia rejeita a forma “tia” comumente dada pelos alunos mais novos, afirmando que tem muitos sobrinhos, os filhos dos irmãos, mas que ali é professora, como pede para ser chamada. Essa distinção é curiosa, porque a professora considera o colégio Viola como uma família, em que funcionários e alunos, têm um parentesco real ou então intimidade pelo longo tempo de conhecimento, o que propicia muito respeito e afetividade. Ela exalta o fato de a escola não ter casos de agressão e, embora “uma vez ou outra tenha alguma confusão, de uma maneira geral nossas crianças brincam e não têm problemas”.

A professora tem interesses pessoais variados: gosta de atividades como costurar, ver filmes na TV, viajar, ler livros (principalmente científicos, de Psicologia e Pedagogia) e escrever. Em 2007, lançou o primeiro de sua autoria sobre a intimidade de algumas mulheres de sua família, na Bienal do Livro, no Rio de Janeiro, realizando, assim, um dos três sonhos que disse ter na vida. Os outros dois são ter um neto e encontrar um novo amor.

Como nos anos de 1980 o colégio Viola estava vivendo o seu momento de expansão de oferta de vagas, havia uma demanda de professores de todas as áreas e a “professora tapa-buraco” foi desviada de função, passando a dar aulas de várias

matérias de quinta-série em diante, o que diz ter feito com grande prazer. Havia, também, nesta mudança, algumas vantagens externas, porque ela passou a trabalhar apenas três dias na semana, o que era um duplo alívio para a mãe de uma criança pequena e para quem tinha que vencer 23 km de estrada de chão empoeirada por dia, pois na época, morava na cidade.

Em 2007, Sofia fez “uma volta na carreira”, já que recomeçou a trabalhar com uma série inicial, dando aulas diariamente, o que é mais fácil porque ela agora mora perto da escola. Ela reconhece duas diferenças importantes nas duas experiências: a primeira é que com o professor das séries iniciais o “relacionamento aluno-professor é mais estreito, por conta de estar no dia a dia”; depois, as crianças são mais afetivas e sinceras que os adolescentes, o que facilita muito o trabalho segundo ela. Pergunto sobre o conteúdo disciplinar e a forma de transmiti-lo, mas ela responde que não é isto que determina mudanças no jeito de trabalhar.

A “volta na carreira” se deveu a um fato de ordem externa: depois de terminar um curso de capacitação em Orientação Tecnológica (OT), o que a permitiu trabalhar com os estudantes na sala de computadores e fazer muitos planos para a inclusão digital da comunidade, a Secretaria Estadual de Educação extinguiu o cargo de orientador tecnológico em março, uma semana depois de o governo federal ter instalado a internet na escola (como relatei no capítulo 4).

Peço-lhe que me conte um dia típico de trabalho. Depois de rezar, ela começa a aula escrevendo no quadro o cabeçalho, com o nome do colégio, espaço para o nome do aluno e da professora, o local e o dia, mesmo “sem saber se isto está certo de acordo com Emília Ferreiro”, mas que a tia Clair fazia e ela acha que deu certo para ela e porque os alunos se situam. Em seguida, ela pede para ver e corrige o dever de casa, coloca uma música (geralmente clássica)⁴, faz uma revisão dos conteúdos dados e inicia um novo, numa proposta escrita, a partir da qual ela passa o dever de casa. A partir daí, ela lê uma história para eles e inicia um segundo momento em que diz trabalhar a expressão de cada um, através da arte (desenho, pintura, recorte, colagem,

⁴ Sofia considera a música, ouvida e cantada (individual e coletivamente), como uma “forma muito interessante” de sensibilizar, além das cores dos desenhos da versão de cada aluno. Ela diz que eles “ficam doidos” para chegar a “hora da expressão”.

dobradura, massinha, teatro de fantoches etc...). Ao final da aula, quando dá tempo, oferece um momento de recreação, seguido de uma música de relaxamento.

A avaliação do trabalho acontece no dia a dia, com alguns pontos reservados ao comportamento⁵, assiduidade, compromisso com os trabalhos. Mas para medir o conhecimento aplica mesmo a tradicional prova, “sempre buscando valorizar o que o aluno faz”.

Por último, Sofia revela que depois de dar aula de todas as matérias para todos os grupos, a sua forma de se relacionar com os alunos mudou e que agora ela está mais afetuosa: “estou aprendendo a ser mais, a me dar mais nesse relacionamento de corpo-a-corpo”. Porque a sala de aula é um teatro e o professor tem sempre que encarnar um personagem, do autoritário ao afetuoso. Para a pesquisa, ela encarnou a personagem “Sofia”, que definiu como “(...) muito de minha mãe e outro tanto de mim mesma. É doce, mas sabe colocar limites. É criativa, (...) tem sempre uma atitude ecológica, pois não tolera desperdício. Ama seus alunos, se desdobra para fazer o melhor (...). Tem preocupação com o social, sem cair na cilada do assistencialismo ou demagogia. Respeita seus alunos (...). Enfim, reconhece que para educar é preciso amor, fé e confiança”.

Tarsila: a pintora guerreira e inquieta

Tarsila⁶ tem três filhos, uma adolescente de 17 anos, uma menina de 12, e um bebê de um ano, que amamentou uma vez durante nossa longa conversa, de duas horas e meia, período em que Tarsila se emocionou, chorou e riu várias vezes. Nasceu em Vista Alegre há 37 anos, é neta de portugueses e alemães, sendo que seus avós maternos tinham grande poder aquisitivo, pois o avô era escrivão de cartório, e o casamento da mãe, servente da escola-da-dona-Clair, com um caminhoneiro parece

⁵ Em relação ao comportamento, Sofia costuma usar a seguinte técnica: todos os estudantes começam a semana com cinco estrelas que vão perdendo caso desrespeitem as regras combinadas, e, na sexta-feira, quem tiver mais estrelas tem direito a escolher primeiro as prendas (como livros, motos, carrinhos, vaquinhas, cavalinhos, boneco do Chico Bento).

⁶ O nome Tarsila foi escolhido junto com ela, que tem, como atividade predileta, nas horas vagas, pintar a óleo, e adoração pela pintora modernista. Se não fosse professora, ela gostaria de ter sido uma pintora.

ter ocasionado um declínio no status econômico da família. Esta situação não foi colocada explicitamente como ela fez em relação a sua própria realidade financeira, pois se declara de classe média baixa, conta que morou na casa da sogra até sete anos atrás e que o curso de pintura teve que ser interrompido pela chegada dos filhos e pela obra da construção da casa nova, onde ainda “falta um monte de coisa que eu não consegui comprar”, em suas palavras.

Tarsila é professora há 17 anos, 16 dos quais trabalha nas séries iniciais no colégio Viola, onde se formou e estudou por toda a sua vida, só se ausentando durante a quinta-série, porque o segundo segmento do ensino fundamental só foi implantado no ano seguinte. Foi aluna da Lúcia, aquela professora que, durante a expansão do colégio, assumiu todas as disciplinas da quinta-série, e que Tarsila considera “uma guerreira”, uma professora muito exigente, com quem aprendeu muito⁷.

O colégio era “o quintal de minha casa. Eu conheço cada palmo”, razão primeira citada quando perguntei a ela sobre os aspectos positivos da escola-da-dona-Clair, como ela chama o colégio, quando não usa o termo “nossa escola”. Ela se preocupa com as torneiras vazando, com o desperdício dos alimentos pelas merendeiras, conhece e participou de cada obra realizada na escola, tem fotos da filha pequena brincando na água com que ela e as serventes lavavam a escola depois de uma obra de expansão, nos anos de 1980. E completa: “É por isso que é bom. Aquela escola é como se fosse minha também”. Diz que mesmo que tivesse dinheiro não colocaria seus filhos em escolas particulares porque “é a *nossa* escola e acho que a gente tem que lutar por ela”.⁸

⁷ Também Tarsila é uma “guerreira”, pois concilia a maternidade com o trabalho escolar e atualmente não conta com a ajuda de uma empregada doméstica todo o dia. Logo, tem que se virar (e/ou “deixar rolar”) para cuidar de um bebê, limpar a casa e cozinhar para as filhas. Costuma trazer trabalho da escola para casa e, às vezes, tem que deixar para fazê-lo no fim de semana. Nas suas palavras:

Eu me sinto sobrecarregada e muito. Tem dia que eu vou deitar e parece que... parece que só minha cabeça está funcionando, que o corpo não obedece. Você já sentiu isso? Aí você deita e você não consegue dormir. O braço dói, a coxa, a carne parece que está doendo. Já aconteceu de deitar e não conseguir dormir, ter que me levantar e tomar um remédio para dor. E de acordar de madrugada e deixar tudo ajeitado antes de sair para o trabalho.

⁸ E Tarsila tem consciência da qualidade de algumas escolas particulares do município, tanto que pede os cadernos dos filhos da secretária emprestados para conferir se os conteúdos trabalhados por ela na escola-da-dona-Clair estão a contento.

Além do forte afeto com a escola, Tarsila comenta que sempre se relacionou muito bem com os professores, mas que tinha uma admiração especialíssima por uma professora de História⁹, “a professora que eu tinha vontade de ser”, a “professora padrão”, porque ensinava bem os conteúdos, mas sabia escutar as jovens (“a gente era mocinha e muita coisa a gente não podia conversar em casa. Aí, no outro dia, ela ia às forras” com o conteúdo). Tarsila se recorda do cheiro fresco do seu perfume, do sorriso, do seu jeito de chegar, de sentar, de como relevava as bobearas das adolescentes; enfim, de como era alguém em que se podia confiar. E completa, admirada, a lembrança da professora com quem percebe, durante a entrevista, ter aprendido um pouco o seu ofício, afirmando que ela “tratava cada aluno como se fosse único. E eu faço isso com meus alunos. Cada aluno deve ser tratado como único. Não ser tratado como boi. Boi tem um monte lá”.

Mas essa característica a professora aprendeu também com sua tia Pilar¹⁰, que costumava acompanhar, a passeio, ainda quando menina, ao trabalho docente em uma escola multisseriada longínqua, e sobre quem declara que “costumava se abaixar pra ouvir a criança que estava falando com ela”, mostrando sua importância, o que “levanta a auto-estima da criança”. Hoje, Tarsila senta na carteira de seus alunos para juntos fazerem as leituras. Sobre aquele tempo de menina, ela comenta que adorava o passeio, que “tinha fissura por aquilo”, pois “parecia que já sabia fazer”. Recorda que gostava do convívio com as crianças cujos cadernos tinham figurinhas¹¹.

Sobre o percurso de estudante, Tarsila se recorda de mais um professor, o Roberto, que “não deixava a peteca cair” e que também tinha uma relação muito pessoal com seus alunos: um “companheiro, que não era de dar aula e ir embora”¹².

⁹ Entrevistei a agora ex-professora da escola, a mesma que aparece referida no capítulo “A escola-da-dona-Clair”.

¹⁰ A professora é sujeito desta pesquisa.

¹¹ Interessante observar que, quando cheguei à escola e conheci Tarsila, ela pediu-me para arrumar-lhe figurinhas diferentes para ela colar nos cadernos e trabalhar a escrita de palavras diversas com seus estudantes.

¹² Este professor levou seus alunos para conhecerem o Rio de Janeiro e o mar, visitar seu apartamento na Avenida Atlântica e seus filhos, que matriculou anos depois na escola. Era presente em vários momentos da comunidade, chegando a comparecer ao enterro do pai de Tarsila. Devo lembrar que foi

Apesar de acreditar que sua formação acadêmica tenha tido muitas limitações, pois só fez o curso Normal (ela gostaria de ter feito faculdade de Biologia, mas era longe), Tarsila reconhece que aproveitou ao máximo, até porque as turmas naquela época eram bem menores e ela foi colega de turma e de profissão, durante toda a sua vida, de sua irmã Iara, outra professora participante desta pesquisa. Associado a isso, nos primeiros anos de formada, ela fez todos os curso de alfabetização que apareceram na região. Durante 16 anos, Tarsila trabalhou com alfabetização, turma que “ninguém gosta, ninguém quer, porque é muito difícil”. No primeiro ano, antes de fazer o concurso para professora do estado e escolher a escola-da-dona-Clair, lecionou como professora contratada da prefeitura, em uma escola rural multisseriada, período “dramático” em que teve “que se virar em duas”, professora da classe de alfabetização e da primeira série, em uma escola onde só tinha giz e papel.

É com lágrimas nos olhos que conta do sofrimento dos cinco anos iniciais na escola-da-dona-Clair, que ela credita ao choque entre a formação tradicional e a novidade da introdução do construtivismo na prática pedagógica. Mas que traz implícita uma mudança radical de identidade, uma vez que a até então estudante Tarsila voltava àquele espaço agora como professora. E tinha que (se a) provar, mais uma vez. Era “abraçar a causa, enfrentar o problema e correr atrás ou desistir”.

Ela estudou muito, procurou todas as pessoas de fora que poderiam ajudar, e hoje ela diz que se sente “mais segura e mais questionadora”, procurando aprofundar mais nas questões cotidianas¹³.

Por outro lado, a professora procura manter uma rotina diária, que começa com uma reza do Pai Nosso, da Ave Maria ou de improviso (um pedido para que tenham

graças a ele que o professor Darcy Ribeiro, então Secretário Estadual de Educação, concedeu autorização para o funcionamento do segundo grau no colégio.

¹³ Entretanto, percebo que ainda há uma certa mágoa em relação à dona Clair, referida como alguém que “não evoluiu” e que discrimina sobremaneira alguns professores, dentre as quais ela e sua irmã Iara. O maior ressentimento aparece em relação ao fato de que Tarsila perdeu, no ano passado, a gratificação que recebia do Programa Nova Escola porque engravidou do último filho e tirou licença maternidade, como relato no capítulo 4. Isso aconteceu e ela não foi avisada pela direção de que corria este risco, o que transtornou a sua vida financeira e causou um efeito negativo no seu ofício, pois ela reconhece que “não conseguia nem olhar para seus alunos” e que realizou um péssimo trabalho, fator que mudou a sua carreira, pois a fez pedir para não mais trabalhar com a alfabetização no ano corrente e que foi aceito a custo pela direção.

uma boa aula). Depois, ela escreve a data no quadro e faz a leitura da história do dia, selecionada no início do ano e compilada numa lista a que todos têm acesso. A seguir, apresenta a proposta do planejamento curricular do dia, e compartilha com eles a responsabilidade de cumpri-lo, depois da qual eles podem ir lá fora tomar sol, correr no pátio, brincar.

Seus alunos, ela considera pessoas humildes, que, “por uma questão cultural, costumam baixar a cabeça”. Por isso, ela se preocupa em formar pessoas atuantes na sociedade, que saibam respeitar os direitos dos outros, mas que também saibam reivindicar os seus. Para isso, acredita que todos os estudantes devam ser valorizados e respeitados em suas particularidades, porque todos são diferentes. Contudo, todos sabem alguma coisa, desde o filho do lavrador até o filho do médico e esses conhecimentos têm que estar a serviço da turma. Ela acredita que os estudantes a consideram uma professora exigente, pois ela não deixa de cobrar os trabalhos acadêmicos.

Quando lhe perguntei como ela acha que exerce seu ofício, ela pediu autorização para tecer um elogio a sua própria pessoa e respondeu: “eu me inquieto com as coisas. Questiono e corro atrás, estudo, procuro e tento acertar. Eu não me acomodei de fazer só o que eu sabia. Eu quero fazer mais, para mim e para quem está passando por mim”.

Mas reconhece que essa qualidade de questionadora é muitas vezes percebida como uma “chatice”, especialmente pela direção, porque ela questiona e critica, por exemplo, a forma de avaliação imposta pelo Estado, que instituiu o item *Não adquiriu*: “Como a criança não adquiriu uma coisa? Ou não foi dada, ou ainda está adquirindo, é o mínimo. (...) O que você não aprendeu na sua vida? Não existe uma coisa que você não tenha aprendido. Você não desenha tão bem. Eu pinto melhor que você. (...). É uma questão de oportunidade, de habilidade”.

Ainda no que diz respeito à avaliação das crianças, a professora aproveita o erro e dá importância ao processo de aprendizagem, mais do que ao resultado. Assim: “Conheço a letra deles. E quando a criança erra, eu analiso o erro. Qual foi o caminho que essa criança percorreu, para botar 8 mais 3 igual a 15? Porque, às vezes, você percorrendo o erro, você acha a saída. Aí, ‘vamos fazer de novo, para você perceber o

que fez de errado?’ (...) Eu sou muito cri-cri com isso, sabe? Eu gosto do erro, eu acho que o erro abre portas. Você não acha que o erro abre portas? Abre portas”.

Para terminar, Tarsila fala de seus sonhos: quer continuar trabalhando como professora, mas também fazer uma faculdade e pintar quadros a óleo com o tema principal *marinas*, uma paixão. Para quem mora na região serrana, ela vai ter que “se inquietar” muito.

Carmela: a professora-mãezona, pau-para-toda-obra

Carmela é uma mulher de 42 anos, bem apessoada e cuidada: está sempre de unhas pintadas, longo cabelo penteado, salto alto e roupas elegantes. Nasceu em Vista Alegre e atualmente mora na parte mais alta do loteamento próximo à escola, em uma casa ampla e tão arrumada como sua dona¹⁴. Ela tinha um irmão que se suicidou, é filha de uma costureira e um peão, ambos analfabetos. Morou no município vizinho com a mãe até os 21 anos quando voltou para Vista Alegre, já separada do primeiro marido, e grávida do primeiro filho. Desde os 15 anos trabalhava fora para se sustentar, primeiro como *office girl*, depois como secretária de um dentista, antes de ser professora

A professora entende que “desde muito cedo aprendeu a se virar com pouca coisa”, como no tempo da escola Normal, única vez na vida em que estudou em uma escola particular, freqüentada à noite. Ela diz que “faltava tempo e dinheiro” e a futura professora preparou uma aula-prova sobre sinônimos e antônimos no intervalo de recepção de um cliente e outro, com recortes de revista. Tirou nota 10 na aula e ouviu o seguinte comentário do professor-formador: “a sua aula foi uma das melhores que tive. Professor ganha pouco. Você está fazendo o trabalho que vai fazer aí fora.”.

Embora ainda trabalhe muito, a vida melhorou. Carmela é casada com um comerciante de gado e tem duas matrículas como professora, uma no estado e outra no município, ambas conquistadas por concursos prestados apenas alguns meses depois de formada no Curso Normal, e recém mãe, aos 22 anos. Além do Normal, fez dois cursos adicionais que a habilitavam a dar aulas até a sexta-série de ciências, mas

¹⁴ Realizamos a entrevista na sala de estar e, embora um de seus três filhos (19, 12 e 10 anos) estivesse em casa, não fomos incomodadas por ele.

ela nunca quis sair das séries iniciais. Atualmente, cursa o quinto período de Pedagogia em uma faculdade particular via satélite de Palmas, no Tocantins.

Dos professores antigos, Carmela se recorda de Carmela, a primeira, por quem “tinha adoração”: ela era “muito humana, muito mãezona”, o “jeito Carmela” de ser professora. Ela não vê ou trata seus alunos como crianças quaisquer, mas, sim como se fossem da família. Por isso, “dizem que eu passo muito a mão (...). Mas (...) se eu tiver que dar uma bronca eu dou, se passar na rua e estiver aprontando eu dou uma bronca (não interessa que não é meu filho, não é meu parente)”.

Carmela “sempre quis ser professora”. Sua mãe brincava dizendo os antigos falavam que de acordo com o que se faz com seu umbigo vem a sua profissão e que Carmela tinha o umbigo enterrado com uma letra A: “desde que eu me entendo por gente, quando falavam ‘o que você vai ser quando crescer?’, eu respondia: ‘professora’”.

A atividade fazia parte de suas brincadeiras infantis, e no quintal de sua casa funcionava a “escolinha da professora Carmela”: “Não tinha muito material e a gente escrevia no chão, na areia(...). Caderno e lápis nunca tiveram sobrando, (...). Eu era a professora, quem ensinava...”

Quando assumiu uma turma de estudantes de verdade, aos 23 anos, Carmela não teve problema algum. Era uma turma multisseriada de segunda à quarta-série, “muito boa mesmo, nota 10”, na qual havia muita colaboração: as meninas da quarta ajudavam-na com os estudantes menores, muito interessados, e todos aprendiam e ensinavam juntos. Desta experiência, além da satisfação, a constatação de que no começo se “acha que vai fazer *tudo* o que planejou (...). E depois, esbarra de lá e de cá, e começa a se podar aquilo que sonhou e procurar novos sonhos. Porque a gente tem que sonhar com outras coisas”.

Mas se o início de carreira foi satisfatório, o mesmo não se pode dizer quanto às condições de transporte para chegar às escolas, situadas muito distantes uma das outras e, na maioria dos percursos, sem meio de condução além dos próprios pés¹⁵.

¹⁵ Carmela conta que andava das 5h30 da manhã até às 7h15, de casa até a primeira escola, voltava e pegava um ônibus até metade do caminho para a outra, e seguia a pé. E foi assim que emagreceu oito quilos em um mês. E que ela teve que mentir ao médico do Estado que fazia o exame de admissão, ao ser perguntada se “ela tinha um helicóptero para trabalhar”, ao que ela mentiu que tinha carro.

Por ser mais perto de casa, há quatorze anos atrás, Carmela escolheu trabalhar na escola-da-dona-Clair, com quem tem uma postura conciliadora. Entretanto, conta que nos dois primeiros anos teve problemas de ordem pessoal com ela, e virou “joguete na escola: escolhia uma turma, mas se faltasse professor eu era tirada e jogada em outra. Eu era o “tapa-buraco” na escola”. Até que teve um confronto direto com a diretora, reclamou de uma nova mudança e, desde então, tudo mudou, e ela passou a se sentir mais segura, acreditando, hoje, que a direção da escola confia em seu trabalho.

Outra experiência importante foi com uma comunidade da periferia do centro urbano onde trabalha, pois as crianças e suas famílias eram muito pobres, com problemas de saúde e higiene, a escola era localizada na parte baixa de um morro e considerada o quintal das casas das crianças; portanto, tudo que acontecia na escola era acompanhado pelas mães, que gritavam de casa mesmo. Para Carmela, o maior desafio foi conquistar aquelas mães e a comunidade, ao fazer com que a escola ficasse mais agradável para os alunos, mas também para os pais. Então, conseguiu introduzir um curso de alfabetização para os pais à noite, no qual passou também a dar aulas.

Mas essa foi a única experiência como alfabetizadora, pois Carmela só escolhe as turmas a partir da segunda série, porque “não tem paciência”. A imagem profissional que Carmela tem de si mesma é, além de “mãe”, da “amiga” (como acredita que os pais a vêem) e de pau-para-toda-obra. Ela chega a verbalizar que não acha “que os alunos a vêem como professora”. E sobre a função social da profissão, acredita que é “tornar o aluno um ser pensante, questionador, embora a maioria não seja”, pois lembra que “têm muitas crianças que engolem aquilo que o professor deu, digere, aquilo vai embora e acabou”.

Para formar um “ser pensante”, Carmela crê que o professor deve ter respeito ao seu aluno, domínio do que faz, precisa estudar para dar a aula, sem esquecer de fazer um planejamento, mas já estando preparado para o “extra” que pode acontecer. E que “sempre acontece”, porque ela busca trabalhar de acordo com o interesse de seu aluno: “não adianta querer impor se não é aquilo que eles estão querendo hoje,

pois sem o interesse do aluno nada funciona”.

A professora, que afirma que nunca “chega de cara feia na escola”, conta de uma atividade que não falta na sua sala: a hora da leitura da história, que acontece logo à chegada, com o objetivo de relaxar e, ao mesmo, tempo, concentrar os alunos para o trabalho escolar. Carmela diz usar várias estratégias durante essa leitura, como alterar a voz, andar pela sala, contar e mostrar, apagar a luz, fechar a porta, como forma de manter a atenção das crianças.

Carmela acha que daqui a dez anos estará “em sala de aula”, embora tenha problemas nas cordas vocais e varizes. Pensa que a profissão a ajuda a “entender um pouco mais das outras pessoas e fazer diferença nas suas vidas”. Entretanto, embora afirme que seu maior sonho é ter uma boa aposentadoria, quando lhe perguntei o que ela considerava como fundamental para ter esse modo de trabalhar, ela respondeu que apesar da insatisfação com seu salário ela se sente realizada no que faz: “Eu não me vejo fora da escola”, diz ela.

Iara: a cientista curiosa

Iara mora em Vista Alegre, onde nasceu em 1971¹⁶. Traz muitas lembranças de seus avós maternos, ainda vivos. O avô, atualmente com 90 anos, é português “legítimo” que imigrou para trabalhar na lavoura de café e que mais tarde virou o escrivão do lugar. Moravam numa casa grande, uma das poucas com telefone, na qual albergavam as professoras de fora que chegavam para dar aula na escola. Iara se recorda que foi através dessas professoras que teve os primeiros contatos com livros infantis. Uma delas, chamada Iara, de longos e admirados cabelos negros, trazia, ainda, uma bolsa de palha “maravilhosa”, cheia de livros de histórias e de ciências. Foi quem lhe deu o primeiro que teve na vida, e que guarda até hoje, **Os Irmãos Bichanos**, onde ela escreveu pela primeira vez o seu nome. Mas os livros de ciências eram os mais admirados, pois ela sempre teve curiosidade sobre o corpo humano, as

¹⁶ Iara mora perto da escola-da-dona-Clair, numa ampla casa com muitas plantas e um grande lago à frente, situada dentro do mesmo sítio em que reside sua mãe e sua irmã Tarsila. Nossa entrevista foi realizada na sala de jantar e seu filho de 6 anos esteve por perto, tomando banho, brincando de carrinho, jantando e depois dormindo ao colo da mãe, cansado, pois nossa conversa aconteceu das 18h às 2030h.

doenças, como se proteger e evitá-las, o cuidado com a natureza.

A atual professora de ciências das quintas e sextas séries lembra que quando entrou para estudar na escola-da-dona-Clair, aos cinco anos e meio de idade, já sabia escrever o nome de todos da família, e que, no início, achou a escola “um pouco chata”, porque não tinha desafios. Mas fala emocionada da primeira professora, Auxiliadora, que contava com a ajuda da nova estudante para ajudar os outros alunos na aprendizagem. Iara afirma que até hoje gosta de desafios e novidades, e que “Se chegar num lugar e perceber que já sei sobre aquilo, (...)eu fico para baixo. Eu gosto de crescer. Eu não assisto à novela repetida, não assisto a filme duas vezes, eu não leio duas vezes o mesmo livro. Jamais. Eu não me ocupo com o que eu já sei”.

Iara continuou adiantada no percurso escolar, pois aos 8 anos e meio tinha terminado as séries iniciais do ensino fundamental e teve que ir fazer a quinta série no centro urbano mais perto, no ano em que o colégio Viola ainda não tinha a série, que foi implantada no seguinte. Sobre a escola-da-dona-Clair naquela época, onde estudou toda a vida, ela narra com alegria como brincava muito e de tudo, e como a escola era interessante: “Não sei como a gente conseguiu aprender, porque lembro que a gente saía da escola, (...) ia à casa de minha tia, com minha prima, fazia suco, cozinhávamos ovo, comíamos e voltávamos para a escola [risos]. (...) íamos na casa da outra ver a casinha de boneca dela e voltar (...). A escola era o *point*: era na escola que eu encontrava as pessoas, na escola que a gente via de quem a gente gostava na época (que achava que namorava, paquerava). (...) Era muito bom, muito bom![risos]”.

Iara se lembra de dois professores: Roberto e Jô. Aquele, de matemática, porque a desafiava, acreditava no potencial dos alunos e dominava os assuntos que ensinava, o que fazia Iara sentir segurança. Esta porque era “apaixonada e profunda conhecedora de História”, fazendo com que os estudantes também gostassem do conteúdo. Como se não bastasse, ela sentia que o professor gostava *muito* de seus alunos. É assim que Iara diz se sentir na escola hoje, pois afirma, várias vezes durante sua narrativa, amar seus alunos. Por isso, é muito exigente com o desempenho acadêmico, acompanhando-os sempre: “se não gostasse, deixava a vaca ir para o brejo”.

Como o antigo professor, Iara costuma dialogar com os trabalhos de seus estudantes, deixando bilhetinhos, uma forma de deixarem explícitos seus critérios de avaliação e ajudar o estudante a se conscientizar de seu desempenho. A atitude é conhecida em toda a escola, pois ela se lembra que uma colega ironizou recentemente durante um Conselho de Classe que se o aluno “ficou com azul” com ela significa que vai passar com o resto: “Porque eu realmente sou exigente, e o aluno só vai tirar azul comigo se ele mostrou conhecimento e se expressou bem”.

Ainda sobre os dois ex-professores, Iara diz ter aprendido um modo essencial de exercer o ofício, que é buscar se dirigir ao aluno considerando cada um deles como um indivíduo mesmo.

Se com dezessete anos de profissão ela concebe como “algo natural ter domínio sobre aquilo que está falando”, também lembra, com honestidade, que a prática veio mesmo com o tempo. No início da carreira, “chegava, mandava abrir livro, ler o texto, de onde tirava perguntas para o aluno responder”. Atualmente, ela procura ler livros, “colocar para eles a experiência sobre uma coisa que vi, que sei como funciona”. Atitude de quem tem um saber.

Antes de fazer concurso para o estado (e ser “muito bem colocada”) e trabalhar no colégio Viola, há dezesseis anos, e, portanto, tornar-se colega de trabalho dos queridos ex-professores referidos antes, Iara trabalhou em uma escola municipal distante (para onde ia de carona em caminhão de leite e depois seguia a pé), como diretora e única professora de três alunos filhos de lavradores imigrantes nordestinos. Recebeu de presente o contrato de trabalho do então prefeito municipal no dia de sua formatura ¹⁷. Iara ainda lecionou em outra escola multisseriada por uns meses, enquanto esperava por uma vaga no Viola, onde desde o Normal sonhou em trabalhar: “a referência de escola que funcionava com mais alunos, a mais interessante”. Lembra de como tinha vergonha de ter uma aula ouvida pelas “outras

¹⁷ O papel de diretora ela considera que foi “o fim da picada”, porque “queria dar aula” e não sabia sequer como fazer o “mapa da merenda”. Como professora, o desafio foi conquistar os alunos, porque ela foi considerada por eles, no início, como uma “estrangeira”. Desafio vencido desta forma: “Uma coisa é certa: eu sempre fui muito carinhosa com meus alunos, sempre *muito* próxima deles! Acho que essa coisa de o professor morar no lugar é *muito bom*, porque quem faz para o lugar faz por amor, faz para quem conhece, de quem gosta. Acho isso muito interessante”.

professoras mais velhas, que sabiam mais” e de como custou a aprender a fazer e a se situar.

Para ajudar, começou a fazer vários cursos adicionais, de português, inglês, estudos sociais e matemática, aproveitando o momento de recém-casada e sem filhos. Com eles, além de “aprender demais”, teve muito prazer e que, portanto, “nunca faltava às aulas”. E que depois voltou para a escola “cheia de idéias”¹⁸, que costuma transformar em projetos.

Sobre isso, Iara afirma que se ressentia de não ter atualmente apoio da direção para tocar seus projetos, pois dona Clair parece não dar importância a eles, “não contribuindo nem no aspecto material”¹⁹. Acredita que ela até que gosta do seu jeito de trabalhar, “porque levo a sério, porque não falto, porque tenho domínio sobre minha turma e nunca levo aluno para a secretaria, nunca expulso”.

E a crítica à direção se estende a outros aspectos. Apesar de considerar “a importância fundamental de dona Clair para o Viola”, Iara reclama do jeito que ela e a filha, a professora Mariana²⁰, tratam com desrespeito os alunos com problemas de aprendizagem, com “pouco caso os pais dos alunos, às vezes nem os recebendo”, de como dão tratamento diferente aos funcionários mais humildes, lanches diferenciados aos professores dos dois turnos em dia de Conselho de Classe (com melhores lanches para os do turno da tarde, ao qual Iara pertence, deve-se dizer). E resume: “o jeito de falar é cheio de autoritarismo, aquela coisa de donos de fazenda e de cafezal, acostumados a mandar nos empregados”. “E quanto mais humilde, menos respeito têm”.

¹⁸ A primeira vez que ouvi falar da professora Iara foi antes de começar a pesquisa e ela me foi referida como “a professora dos projetos”. Ela participa de todos, inclusive do Projeto Político Pedagógico, que sabemos, não conta com a participação do coletivo da escola. Iara alega que “professor de ciências tem mais facilidade para tocar projetos”, mas, embora eu concorde com esta opinião, considero que a prontidão está para além da disciplina e tem a ver também com uma atitude pessoal de gostar de desafios, de estudar e pesquisar.

¹⁹ E relata a última tentativa, no ano passado, de realizar um projeto em parceria com a Petrobrás para a criação de uma mini-estação de tratamento de água na escola, que se constituiu como um problema local, e que serviria como tema gerador dos trabalhos escolares. Sobre tal projeto dona Clair comentou que precisavam “amadurecer a idéia” e que Iara completa: “E a idéia está amadurecendo até hoje”.

²⁰ Que tem duas matrículas no estado, atuando na escola como professora de Geografia e sujeito desta pesquisa, e, ainda, como auxiliar de secretaria, uma espécie de vice-diretora de fato.

O momento atual, iniciado em 2000, quando seu filho nasceu, é considerado o melhor. Antes, durante dez anos, Iara trabalhou “dobrado” no Viola e em outra escola, porque precisava de dinheiro: “meu pai tinha morrido há pouco tempo, e as roupas, os sapatos, tudo que eu sempre quis ter na minha juventude, eu via ali essa possibilidade”²¹. Outra tentativa de melhorar o poder aquisitivo foi a abertura de uma confecção de moda íntima, que durou um ano. Iara percebeu que estava atrapalhando seu trabalho na escola e diminuindo demais seu tempo com o filho.

Iara nunca pensou em sair do Viola, mesmo quando morou em uma cidade situada a 50 Km de Vista Alegre. Também não gostaria de trabalhar em escola particular, porque gosta de pessoas simples, humildes, “dessa coisa tranqüila, rural”. Acredita que o melhor é que a maioria das crianças tem o mesmo estilo que ela, é mais tranqüila e simples. Para esses “alunos da roça”, a escola continua sendo o *point*, pois eles são pessoas “que ficam mais isoladas, filhos de lavradores, crianças que andam muito a pé”, “vivem no seu mundinho silencioso”. Depois de trabalharem diariamente na roça de segunda a sábado, eles dedicam os domingos ao ócio, andam à toa, de bicicleta ou a cavalo, visitam amigos e parentes, e, ainda, revêem os cadernos e livros escolares. Apesar deste aparente interesse pelo estudo, para Iara, eles acabam “dando mais trabalho para se expressar, colocar a opinião, desenvolver uma resposta àquilo que você quer”.

Entretanto, Iara reconhece que há novos alunos chegando à escola²², gosta de todos os tipos (“eu gosto da emoção, do calor do aluno”), embora afirme preferir os “falantes”, que participam e que contestam uma afirmação de conteúdo ou até uma nota baixa. Acredita que eles a vêem como uma amiga (muitos costumam ir a sua

²¹ A experiência foi uma decepção em todos os sentidos, porque além de o salário de regime de contrato ser pior que o de professor concursado, a escola tinha uma péssima direção, os alunos, péssimo desempenho, e alguns professores discriminaram a professora Iara, “porque cheguei querendo trabalhar”, diz ela.

²² Como escrevi no capítulo sobre a escola-da-dona-Clair, a professora nos fornece uma classificação e descrição para ele, o aluno de “beira-de-rua”:

mora no loteamento, a mãe trabalha fora o dia todo e ele fica sozinho até a hora de ir para o colégio, e só vão se ver à noite. Esse aluno anda à vontade, não tem muito compromisso, chega com atividade sem fazer, tenta colocar o estojo em cima e tenta dar uma desculpa. Por outro lado, ele tem uma cultura geral (entre aspas) maior um pouco, porque vem mais à quadra de esporte, vai mais à igreja, lida com pessoas de fora que se mudaram para o loteamento, ele se mistura com pessoas diferentes, de diferentes lugares, vê mais televisão, faz mais pipoca, come mais hambúrguer no “Toninho”, sai mais final de semana na rua, anda mais de bicicleta.

casa tirar dúvidas de várias matérias, enquanto ela está lavando roupa pela manhã), embora “não faça questão disso”, uma vez que acha “interessante essa coisa de professor e aluno”, que cada um tenha sua postura.

Iara desejava ter feito faculdade de Biologia ou Enfermagem, mas “não queria sair de Vista Alegre nem podia financeiramente”. Sobre o exercício da profissão que afirma ter “escolhido” por falta de opção, ela diz: “tem que gostar, ter segurança e um carisma que faça com que os alunos gostem daquele momento e sintam que aquele momento está fazendo crescer, está trazendo novidade. Não vou repetir aquilo que se ele for procurar no livro ele vai encontrar sozinho”.

Há um lamento sobre o modo de exercer o ofício dos professores do sexto ano em diante que é que o professor interfere menos na vida dos (pré)-adolescentes do que faz com crianças: “Eu não consigo (...) fazer cada um ir andando no seu tempo, respeitando a etapa de cada um. (...) Eu tenho o tempo curto, duas vezes por semana, e um certo programa que eu acho até interessante (...)Eu paro e penso: ‘muita gente ainda não conseguiu. Aí, paro e dou *aquela explicada*. Tento fazer de uma forma diferente, mas com todo mundo, adiantando quem já conseguiu.”

Para finalizar, destaco duas características da professora Iara, expressas em duas falas: “Eu tenho muita sinceridade com meus alunos”; e “gosto muito dessa coisa de história: eu gosto de falar que aprendi a ler no Viola, que me formei no Viola, que trabalho no Viola, que meu filho estuda no Viola. Eu gosto desse ambiente, dessa história, desse contexto”.

Isaura: a profissional séria (mas brincalhona) e encantada (mas desestimulada)

A professora de língua portuguesa e literatura do colégio desde 1988 me recebeu em sua simples casa, onde nasceu há 42 anos, situada em um bairro pobre na zona urbana central do município²³.

Isaura é filha de uma mulher negra, semi-analfabeta e mãe de oito filhos, que

²³ A princípio, com uma certa cerimônia, sugeri que ficássemos na pequena sala de estar, mas logo mudou de idéia e nos transferimos para a cozinha, por podermos ficar sentadas em uma mesa e acomodar melhor o gravador.

enviuvou grávida de 4 meses da professora, e que teve que lavar roupa para fora a fim de sustentar todos, pois a pensão deixada pelo marido, funcionário da extinta Rede Ferroviária Federal, nos anos de 1960, não bastava. Todos os irmãos tiveram acesso ao estudo e só não se formou em escola “quem não quis”.

A avó materna, com quem, ao contrário do pai que nunca conheceu, Isaura teve uma longa convivência, pois morreu com quase 100 anos, era uma “grande mulher, muito forte, muito sábia, muito inteligente, apesar de praticamente não ter tido nenhum estudo na vida”. Ela ajudou Isaura na sua formação moral e profissional, pois insistia, junto com a mãe, para que ela estudasse, que “fosse alguma coisa na vida”.

Isaura sempre gostou de estudar e de várias disciplinas, tanto que na hora de escolher o curso na universidade particular em uma cidade próxima fez vestibular para Matemática, matriculou-se em História e, com uma semana de aula, transferiu-se para o Departamento de Letras. A escolha final se deveu ao fato de ter sempre tido ótimas professoras de português. Mas este foi o único curso que fez em uma escola particular, pois frequentou a vida inteira as (na época) boas escolas públicas da cidade, numa das quais eu mesma estudei até a quinta-série.

Já antes de cursar a faculdade, Isaura, que desde adolescente sonhava em ser repórter de televisão, percebeu que a formação na escola Normal poderia garantir-lhe um trabalho em curto prazo. Foi quando Isaura descobriu que “acompanhar o crescimento de uma criança é uma “coisa que encanta” e que muito a satisfaz. O professor pode “promover mudanças no aluno, na pessoa. A pessoa não sabia nada e de repente começa a saber um monte de coisa. Esse conhecimento. Acho isso maravilhoso!”, relata ela emocionada.

Por outro lado, a professora, que leciona a partir da quinta série até o curso Normal, também na escola pública onde nós estudamos, vive um momento de desencanto com a profissão, porque acreditava “*realmente* que as coisas podiam melhorar, que alguém ia levar a educação a sério. Mas estou vendo que cada governo que passa as coisas não mudam; mas, pelo contrário, pioram”. Apesar do desânimo, Isaura conta que tem dia que eu sai de casa

(...) *bem* desanimada para dar aula, mas eu consigo fazer uma coisa bem feita, vejo que o aluno acompanhou bem (...) o que me propus a fazer. E volto para casa tão satisfeita! (...)Achei que com 22 anos eu já ia empurrar com a barriga. Mas eu não consigo ainda.

Estou desestimulada? Estou. Não pelo aluno e pela função de ensinar, mas pela engrenagem toda que temos vivido na escola: desvalorização, falta de material, de incentivo, de reciclagem, de tudo que a gente gostaria de poder fazer e não tem condições de fazer, até porque o salário não permite.

O momento é de pouco investimento no ofício, mas nem sempre foi assim. A longa carreira se iniciou em uma escola rural multisseriada, como unidocente. Lembra que quase ficou “doida”, mas que, embora desgastante, foi uma experiência interessante, porque o professor primário tem a responsabilidade de “ensinar ao aluno a decodificar, a ler, a escrever, a aprender a sua língua realmente”. Hoje, como professora das séries mais adiantadas, ela só tem que “lapidar” o que foi trabalhado.

Além de longa, a carreira de Isaura é rica, pois já exerceu, ainda, durante cinco anos, o cargo de vice-diretora na outra escola em que trabalha, período em que diz “mais ter acreditado na educação” e, ainda, o único em que esteve afastada do colégio Viola.

Das antigas professoras lembradas, uma com quem se “identificava muito com o jeito de trabalhar”, muito amiga, muito aberta, que “brincava, ria, ensinava de uma maneira que você não via o português como aquela coisa maçante, difícil (...) Eu acho muito importante essa identificação do aluno com o professor, para ele ter mais vontade e facilidade para aprender a disciplina”.

Embora seja aberta e brincalhona com seus alunos, Isaura é tida como uma profissional séria (“não sou do tipo que enrola, que vai para lá bater papo” diz ela). Acha que os alunos a consideram “linha dura”, reclamam que ela não passa nenhum filme, ao que ela responde: “filme só se for de acordo com a matéria. Se não, vamos ao cinema juntos no sábado”. Atividade, aliás, que ela gosta muito de fazer, além de ler, bater papo com os amigos, viajar pelo Brasil e conhecer pessoas novas, atividades que pretende fazer quando aposentada.

Ao falar da faculdade, lembra-se de uma professora de literatura portuguesa, “o exemplo de professora” que tentou imitar, que “amava o que fazia”, preocupava-se com a escrita do aluno, com quem sentava individualmente. Contudo, a faculdade é considerada a “instituição onde mais se decepcionou em relação à aprendizagem”, embora reconheça que o período abriu seus caminhos.

Isaura costuma dizer que aprendeu português ao começar a dar aula, ainda na

faculdade, no colégio Viola. Teve as professoras Tarsila e Iara como as primeiras alunas, numa turma pequena, de alunos muito bons, a quem podia dar um atendimento individualizado²⁴. Ela se recorda que “(...) pegava o conteúdo que eu tinha que trabalhar no dia seguinte, chegava na faculdade fazia as perguntas que não sabia como abordar, e estudava”. Aprendeu não somente a abordar o conteúdo, mas o próprio conteúdo.

Quando lhe perguntei o que de sua vida ela considerava fundamental para ter o estilo de ensinar que tem hoje ela respondeu que teve “boas influências, bons professores (...).a seriedade de fazer o trabalho, de querer realmente que o aluno entenda qual é o objetivo (...), a importância que aquilo vai ter para a vida dele. (...) Não que isso tenha sido a coisa mais importante, porque seu estilo você vai moldando de acordo com a situação, de acordo com sua experiência, de acordo com aquilo que o ambiente te oferece. Você acaba tendo um estilo de trabalhar, um jogo de cintura para fazer a coisa”.

Mais do que estudiosos, os estudantes do Viola são vistos como “muito interessados” pelo trabalho escolar, e, portanto, disciplinados, que não causam problema. Até porque Isaura estabelece os limites da convivência logo no primeiro dia de aula e os segue com rigor. E fala com orgulho da atual turma do terceiro ano do ensino médio, e também de como dentre os 50 alunos do ensino médio que atende neste ano apenas 5 são difíceis de lidar, pois “têm as notas muito baixas, não fazem quase nunca as tarefas e você tem que ficar em cima cobrando”.

Entretanto, Isaura atesta que a realidade do Viola mudou de uns cinco anos para cá, em vários aspectos, inclusive no que se refere ao alunado, agora em maior número, mais disperso e desinteressado, ainda que continue sendo o melhor que ela tem, tanto que não se incomoda em viajar mais de 50 km, duas vezes por semana, para lecionar lá. Essa atual realidade, associada à miserabilidade de recursos da escola pública, faz com que o professor também tenha que mudar:

Porque se você precisar fazer dessa maneira e o colégio onde você trabalha não te dá essas possibilidades e você insistir que quer dessa maneira você não vai a lugar nenhum. Tem que ter jogo de cintura, saber que pode no futuro ultrapassar, mas que

²⁴ Segundo ela, este tratamento que faziam com os alunos do ensino médio (todos os professores) fez com que o colégio tivesse um rendimento bom, que os alunos tivessem um bom desempenho nas avaliações externas.

nesse momento não dá. Tem que ter essa maneira de rever a situação. Com certeza a preocupação maior ainda tem que ser o aluno. Tem gente que diz: “não esquentar a cabeça, não. Não quer, não quer”. Eu acho que a gente tem que buscar uma maneira de fazer ele querer!

Para ela, falta material e uma gestão mais atuante no colégio: “os professores têm sentido dificuldade, porque as salas são pequenas e vivem sujas, o mobiliário não é adequado (as carteiras são duplas, e não permitem um trabalho individual)”, não há material visual (como fotos, retroprojeto) para enriquecer e estimular, por exemplo, as aulas de literatura. Isaura exalta a chegada dos computadores à escola. Conta que para os estudantes foi maravilhoso, porque ela começou a desenvolver aulas com redação, redação comercial, ofício, currículo etc. e que planejou, com a internet neste ano, fazer um trabalho com mais pesquisa. Mas aí faltou o orientador tecnológico.

E conclui que o que falta principalmente é direção, pois se ela, com vinte e dois anos está desestimulada, o que dizer da dona Clair?: “Vista Alegre está precisando de sangue novo, não desmerecendo o trabalho dela, pois ele é muito bom. Dona Clair é uma mãe e não uma diretora. (...). Tem que haver uma reestruturação (espaço físico, pedagógico, direção, servente), porque o colégio vem caindo”

Isaura ainda atesta o excesso de funções da escola hoje, o que traz para o professor a responsabilidade da formação de caráter, de encaminhamento do aluno para a vida, além de ensinar conteúdos. E diagnostica, com muito discernimento, que a escola “está desestruturada para assumir tanta responsabilidade”. Ao final da nossa entrevista, a professora, que acredita “já ter sido muito melhor que hoje”, alerta: “A escola tem que mudar e rápido, porque, se não mudar, é uma instituição falida, falida! Não vamos daqui a pouco ensinar nem o que os livros trazem, nem para a vida. Porque está muito difícil fazer! Muito difícil!”.

Bel: a pesquisadora franca e necessária

Bel tem 47, três filhos (23, 19 e 16 anos) e é casada com um caminhoneiro, que ela considera “um parceiro”, pois respeita seu espaço²⁵. Nasceu em Santo Antônio,

²⁵ A conversa com a professora aconteceu no mês de abril de 2007, na varanda da casa do sítio dos meus pais, situado no mesmo município e próximo à zona urbana, local escolhido por ela em detrimento de sua casa, que alegou estar com hóspedes. Começou às 9 e meia da manhã e durou até às 11h40, com um pequeno intervalo de vinte minutos.

lugarejo perto de Vista Alegre. A família é de agricultores que moram até hoje nas terras que possuem desde o início do século passado, embora Bel resida desde que se casou no centro urbano. O avô materno é lembrado como “uma pessoa empreendedora”, muito “avançado” e “ousado” para sua época, tendo introduzido, por exemplo, a lavoura de tomate na região. No entanto, ele “não era um bom administrador, administrava com o coração”, característica pessoal com a qual ela parece se identificar, pois tece o mesmo comentário sobre si quando fala sobre as finanças, que parecem ser, contudo, boas.

O pai, além de lavrador, era motorista, produzia e vendia os alimentos na feira, trazendo produtos da cidade para comercializar numa vendinha próxima de casa. A mãe de Bel, “que tinha sido uma excelente aluna numa escola de Vista Alegre, conseguiu, por coisa política, dar aula”, pois era filha do então prefeito municipal, que montou uma pequena escola em um dos muitos cômodos de sua antiga casa de fazenda: “A escola era mamãe” diz ela. E ficava ao lado da casa onde moravam seus pais, dentro da fazenda do avô, atendia a mais de 40 estudantes, a maioria “marmanjos”: “aquilo ali era o nosso *metier*, era o ambiente em que a gente vivia”, reflete ela.

E foi no dia-a-dia desse ambiente “família-escola” que ela diz ter sido alfabetizada. Na época de ir para uma escola, a mãe quis que ela tivesse outro professor e mandou-a para uma distante, para onde ia de bicicleta. Estudou sempre em escolas públicas até o curso Normal, que teve que ser pago, mas Bel já trabalhava como comerciante na cidade quando fez magistério, escolhido, em primeiro momento, pela facilidade em arrumar trabalho. Contudo, cursando o magistério, ela descobriu que se identificava mais com outro trabalho, “com a criança, mais voltado para a criança”. E completa: “eu achei que por ali eu ia ser feliz e que aquilo ia me satisfazer”.

Ao final, anotei no diário de campo que Bel “sabe propor uma conversa franca”, frase produzida por ela durante a entrevista, em relação ao seu trabalho. Escrevi, ainda, que a nossa conversa pareceu-me “catártica”, pois ela por diversas vezes se questionou, assim: “Como é que eu nunca parei para pensar como eu me sentia como professora? Por que eu nunca questionei isso?”. Além de ter rido e chorado várias vezes. Por fim, observei que ela parece ter se sentido muito íntima de mim, assumindo uma posição de simetria durante a entrevista, uma vez que repetia, quase em cada frase, meu nome e parecia muito à vontade.

Iniciou imediatamente sua carreira docente, colocando-se à disposição para “quebrar um galho” e substituir as professoras na escola pública estadual, onde havia estudado, a mesma onde eu e Isaura estudamos. Do curso Normal, as professoras lembradas são Leilá e Isabel, a primeira porque não ficava só no conteúdo, mas “tinha uma visão de que o seu aluno seria um professor amanhã”, e, com quem aprendeu a organizar seu pensamento, pois ela cobrava que se registrassem e sistematizassem as idéias. Isabel, considerada “um espelho”, ensinou-lhe o jeito de dar o conteúdo, como cumprir o currículo, mas principalmente a ouvir o que o aluno tinha de necessidade. Ainda, ela lamenta de não ter dado mais importância aos estudos quando menina, e seu desejo é poder voltar a estudar, que espera acontecer quando se aposentar, momento em que planeja, ainda, viajar²⁶.

Embora reconheça a importância dos aprendizados acadêmicos, que foram acontecendo de acordo com as necessidades do ofício²⁷, Bel acredita que o exercício da profissão, por 28 anos, seja o maior aprendizado que tem tido: “é a minha faculdade”, diz ela. Se lhe faltam os conhecimentos teóricos, a compensação vem na troca com seus alunos, no saber fruto da lapidação das informações que os estudantes trazem e desejam aprender.

Este é o principal motivo que levou Bel a ir trabalhar na escola-da-dona-Clair, distante 23 Km de sua casa, como professora das séries iniciais, há 11 anos atrás: “Por isso é que não quero sair da escola, porque quanto mais você trabalha com esse povo mais afastado da cidade... Eu acho o ambiente muito mais rico, porque eles são

²⁶ Ela recorda de como aprecia um passeio que costuma fazer uma vez ao ano à cidade do Rio, quando viaja para “outro mundo” e toma “um banho de civilização”: vai ao cinema, teatro, visita galerias de pinturas (a professora pinta nas horas vagas), levada por uma amiga carioca, com quem aprendeu também a andar de elevador.

²⁷ Assim, quando foi chamada para trabalhar em uma escola municipal com uma turma de alunos especiais e repetentes, a professora começou a freqüentar oficiosamente um grupo de estudo de casos oferecido pela Secretaria de Educação de Darcy Ribeiro em uma cidade próxima, e ministrado pela UFF. Foi quando voltou a estudar e “quando criei força”, nas suas palavras. Nesta época, com 10 anos de profissão, conheceu (e se encantou com) o trabalho de Heloisa Villas Boas, que a orientou por um tempo, chegando a receber Bel em sua casa por cinco vezes, e cujo livro ainda é uma “guia de trabalho até hoje”, mais “porque a presença dele ali me faz voltar atrás e ver como eu *sofri*, acho que muito por falta de estudo”, lembra ela.

voltados para as raízes. (...)Eles têm muitos conhecimentos que o povo da cidade maior banaliza. E são coisas com que eu me identifico”²⁸.

Se ela percebe que “as formas de vida dos alunos a enriquecem”, também lamenta que “os alunos estão cada vez mais urbanos”, pois as famílias, por falta de incentivo, estão largando a lavoura própria e se empregando como assalariados, cujo retorno é pequeno, mas certo²⁹. Dos conteúdos trazidos pelo alunado do meio rural, ela reconhece que “muita coisa é credice que passa de pai para filho”, mas que ela aproveita para trabalhar os conteúdos acadêmicos. Ela ouve as histórias e, então, os convida a “procurar, a fazer pesquisa, a descobrir, por exemplo, como a cobra vive, do que ela se alimenta, como se reproduz, se anda em par realmente...”. Ao ser perguntada como faz pesquisa com os tão poucos recursos da escola, Bel afirma que vai à biblioteca, agora aos computadores, mas costuma muito ir à vizinhança³⁰.

Em relação ao dever de casa, aparece o maior problema citado pela professora, pois ela reclama da falta de troca entre a escola e os pais, a maioria analfabeta. E conta de um menino que nunca acerta os deveres de casa: “A mãe no outro dia esteve na escola e eu pedi ajuda para acompanhar. Mas ela não tem condições. A

²⁸ E narra, a título de exemplificação, a história de um alimento comum na região, a farinha de cachorro: “Você conhece? Aquilo é um alimento super nutritivo. A avó de um aluno me contou que os pais e avós torravam o fubá, (...) misturam com o amendoim, para saírem para as caçadas. Aprenderam com os índios. Isso me identifica, eu gosto. Aí, eu tenho vontade de sair, de procurar, de saber o porquê, o por quê. Eu com a criança”.

²⁹ Em suas palavras:

a cada ano é um aluno que deixa cada vez mais a raiz dele para vir para o mais fácil, que é o Arraial. A mesma história de quem sai daqui para a cidade grande. Eu acho que isso é uma pena: vivem *na* roça, mas não vivem *da* roça! Enquanto um agricultor que se preocupa em plantar (fazer uma lavoura de aipim, de inhame, de feijão, de banana, de abobrinha, tem sempre o milho em volta de casa, tem muita criação de galinha e porco) fortalece o lado econômico e complementa de uma maneira mais saudável, esse que vive na lavoura e vive do salário mínimo come super mal. Neste ano, por exemplo, dos meus doze estudantes, apenas três trabalham a terra e assim mesmo dois são produtores de flores, usando uma quantidade tão grande de veneno, que chega a arder a garganta. Os pais dos outros alunos trabalham em confecção, no comércio local, e um outro “tira madeira no mato, que eu falo que é o inimigo da natureza”, brinca ela.

³⁰ E traz um exemplo de uma recente realizada sobre o lixo produzido:

Eles levam para casa uma série de perguntas para fazer aos vizinhos: onde põem o lixo quando mata uma galinha, descasca uma banana, vai tudo misturado com o papel higiênico? Perguntinhas bem “inocentes”. Vem as respostinhas, que a gente vai tabelando em forma de gráfico. Tem gente que joga lixo no meio de um pedregulho, dizendo que lá não mora ninguém. (...) E a gente começa a questionar a duração dos lixos. Eu trabalho muito em cima de linha do tempo, Eloiza.(...) A gente começa nesse meio e eu vou por aí.

matemática que ela aprendeu não dá. Ela só decorou que $3 \times 2 = 6$, e eu quero levá-lo a pensar que também pode ser $1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 = 6$. E não decorar apenas. Todos os deveres que ele levou essa semana estavam errados!”. A isso se acrescenta que muitos pais têm pouco tempo de comparecer à escola, neste sentido, assumindo uma postura meio “toma que meu filho é teu”.

Sobre a escola-da-dona-Clair, onde já atuou em todas as séries iniciais e também por meses como vice-diretora, Bel queixa-se da direção, que, segundo ela vem piorando, pois dona Clair “é muito mãezona e não cobra”, mas depois vira a carrasca. Ainda, ela se diz irritada com o fato de dona Clair lidar com a escola como “a patroa, a dona da fazenda”, que faz política em detrimento da escola, citando para justificar o fato que ela deixou que o estado retirasse o pré-escolar neste ano para favorecer a entrada de uma nova escola municipal nas redondezas, para “dar asas ao prefeito”, seu aliado. “Como o Estado quer acabar com nosso ensino de primeira à quarta, nós estamos ‘colaborando’ dessa maneira”, diz ela. E completa: “isso é um efeito cascata e, no ano que vem, o número de alunos da alfabetização é menor”.

Bel também reclama da falta de oportunidades formais de planejamento coletivo, porque este pode dar a visão do todo da escola, promover a integração e ajudar a resolver os problemas dos alunos. Ela exalta a coordenação pedagógica e a insistência da mesma em realizar planos de trabalho com metas semestrais do grupo de professores. Sobre o Projeto Político Pedagógico, ela comenta que até se discute, mas apenas para cumprir uma ordem.

Ainda sobre a “faculdade” da professora Bel, aos 21 anos de idade assumiu uma escola rural como a única professora e diretora numa comunidade próxima de onde nasceu. Reconhece que sua “formação não ajudou nada naquele momento”, pois era tudo “muito adverso”. “Comecei a ver que eram tantas as minhas atribuições que eu não ia dar conta: era mapa de merenda, diário, organizar toda a escola, dar aula, lidar com o pai que vinha chegando, com o aluno que nunca tinha visto nada junto com outro que já estava lá”, relata ela. Após o período inicial em que dizia “Eu vou morrer”, Bel pediu ajuda a uma colega mais experiente sobre a alfabetização (“resolvi começar do começo”, lembra ela), separou os alunos por série e adotou uma cartilha (“como se aquilo fosse tudo que eu precisava para formar um aluno, um leitor”). Em

novembro daquele ano, “meu pára-quadras arrebentou e bati de bunda no chão”, fala ela, ao ler um aluno escrever “Xico, xiscondeu o xinelo. Assim mesmo: tudo com x”.

Ela acha que se “saiu dessa” pelo sofrimento, pessoal e dos alunos, mas acredito que uma outra razão esteja nestas palavras que seguem o relato anterior: “Como eu achava que não tinha dado nada certo, eu mudei tudo! Comecei a brincar de pique bandeira, comecei a integrar a escola, porque eram duas realidades que eu havia criado no primeiro ano, e sofri para diluir aquilo. Botei tudo numa sala só e comecei a trabalhar *dentro do meu instinto*.”

Indispensável, já nesta época, também a ajuda dos alunos e, mais uma vez, o sentido do trabalho escolar em suas vidas, como ela relata:

Eles [os alunos] eram muito compromissados, já eram maiores do que hoje (eles estão a cada ano mais novos), os de terceira me ajudavam com os de segunda e os de quarta me ajudavam com os de segunda e terceira. Os de alfabetização limpavam, varriam e eu era uma professora de dar muita coisa no quadro. Mas eu me afinei com a comunidade com um jogo de pique bandeira, porque eles ficaram mais espertos, mais atentos. Viram que a brincadeira tinha sentido, que a gente jogava e fazia registro com ela, o que tinha problema na perna marcava o tempo. Aquilo ali foi minha bola 7: eu marquei todos os pontos! Deu certo!

Bel tem consciência que “deu certo” basicamente, em suas palavras, “porque eu comecei a me colocar no lugar dos alunos e dos pais. Comecei a enxergar de fora da escola. E a colocar aquilo como objetivo dentro da escola”.

Depois de lecionar para mais de mil alunos (cujos nomes estão em uma lista), era de se esperar que Bel estivesse cansada. Mas ela diz que não, e que nunca sentiu monotonia, mesmo depois de 28 anos no exercício da profissão. Acredita que seus colegas de escola e os alunos a consideram brava, mas ela se tem, principalmente, como franca e honesta: “mesmo sendo brava, enérgica, eu sinto, eu percebo, eu me aborreço, eu me entristeço, eu fico feliz. Eu não me sinto anormal na escola”. Ela se diz, ainda, “necessária”, pois dá limites e nunca nega aos seus alunos uma informação, mesmo que isso possa lhe causar algum problema com a direção, com os colegas ou com as famílias: “Eu não minto, eu não minto”. E se defende argumentando que em sua sala “não é tudo permitido, nem tudo é proibido”, mas que apenas sempre busca cumprir o que planejou com seus alunos.

Bel tem uma rotina de trabalho que começa com uma conversa informal de dez minutos sobre o que eles fizeram no dia anterior ou no fim de semana. Ela escreve no quadro uma agenda das atividades planejadas, mas logo emenda que às vezes começa a rotina do fim para o começo, outras do meio, porque sua proposta não é fechada e todos, coletivamente, podem mexer. A seguir, há sempre uma leitura de uma história, curta ou mais longa (esta empreendida em capítulos diários), feita até o meio do ano por ela, e a partir do segundo semestre, pelos alunos, individualmente ou em par, atividade que eles prepararam em casa, com antecedência. Para ela, ler diariamente tem dois objetivos: funcionar como um pano de fundo para o trabalho; e, também, melhorar a escrita, pois ela vai “deixando com eles uma série de arquivos e numa hora que ele vai precisar escrever ele vai buscar nesses arquivos”. À atividade de leitura, segue-se um momento de interpretação com comentários dos alunos, e, depois, ela lê o título da história ou capítulo a ser abordado no dia seguinte, porque gosta de “levantar as possibilidades do que eles acham que pode acontecer”. Em seguida, a professora corrige individualmente os deveres de casa, porque acha importante descobrir “os caminhos pessoais percorridos por cada um para chegar às respostas dos problemas”. Para isso, ela faz uma atividade paralela com os outros alunos, que trabalham em grupo ou em pares, um ajudando ao outro.

A introdução de um conteúdo disciplinar novo é feita com gravuras (“sempre algo bem ilustrativo”, diz ela), mas em forma de desafio: “primeiro eu faço um levantamento de hipóteses sobre qualquer assunto. Geralmente eu uso muito jornal, porque é uma coisa diferente. (...) Eu acho que desequilibro aquilo que é muito certinho nele. Quando eu me proponho a esse tipo de desequilíbrio, eu quero uma resposta sobre que caminho eu vou seguir. Ali eu vejo muitas dúvidas deles”.

A estratégia de motivação comumente usada por ela é a do “por exemplo”. E os exemplos são sempre assuntos ligados diretamente à vida das crianças, têm, portanto, um sentido. Entretanto, Bel acredita que o que realmente faz seu trabalho funcionar, em suas palavras, “é que eu tenho muita vontade que eles sequem as asas lá na minha sala. Sabe a borboletinha, que vai secar a asa para voar?”.

Quando lhe perguntei o que ela considera fundamental para seu estilo de ensinar, ela respondeu com outra pergunta: “Tem certeza que já não respondi isso?”

Mas gentilmente, completa: “Uma coisa é que aprendi a refletir e aprendi a avaliar (...).ela serve para eu trabalhar melhor no ano que vem (...) sou muito ansiosa e não tenho nada pronto. Até viver, me angustia e não me dá prazer. Só quando eu vejo que a coisa está acontecendo me dá prazer.”

Aquiles, o personagem corredor, inesquecível e individualista

Aquiles é professor de educação física há 24 anos, sendo que há vinte e dois trabalha na “escola da Clair”, como ele se refere ao colégio³¹. Tem 52 anos e é o único dos professores que não nasceu na região. Ele é baiano de Feira de Santana e foi trazido para a periferia da cidade do Rio de Janeiro, pela mãe costureira que fugia da pobreza, que era tanta que outros dois irmãos foram entregues à antiga FUNABEM, atual Fundação da Infância e da Adolescência (FIA).

Aquiles viveu quando garoto na Baixada Fluminense, “andando descalço, jogando pelada” e, é claro, estudando, sempre em escola pública. Ao terminar o antigo segundo grau, serviu à Marinha, mas, por ser atleta, ganhou uma bolsa de estudos e foi fazer faculdade particular, na Gama Filho, onde se formou professor em 1980, quando descobriu “que professor ganha muito mal”. Assim, aos 25 anos, resolveu ser marítimo e viajou durante dois anos pelo mundo como taipeiro, sua segunda profissão.

Dos tempos de estudante, Aquiles se lembra do professor de inglês, “espetacular”, pois conseguia despertar o interesse, e, assim, fazer com que o aluno gostasse da matéria: “porque é uma troca, você tem que gostar do professor e da matéria. Se você não consegue chegar ao aluno, nem você nem a matéria vão dar certo”. Outra professora inesquecível era uma de português, que o fazia parar para ouvi-la “recitar poemas”, o que ele achava “lindo”: “o tom, a entonação, a métrica, a impoção. O jeito de falar”. E completa: “o professor é um personagem importantíssimo em qualquer lugar e, por mais que queiram trocá-lo pelo computador, ele vai sempre existir. Tudo bem que foi minha mãe quem me criou, mas foram os professores que me ajudaram a me moldar”.

³¹ Nossa longa conversa, de mais de duas horas, ocorreu na casa do sítio dos meus pais, situado próximo à residência do professor, que, no entanto, preferiu ir se encontrar comigo.

Se hoje reconhece que esses antigos professores³², mas também o “sargentão” da Marinha, influenciam no seu jeito de dar aula hoje, lembra que acabou se tornando professor por ser atleta, esta escolha influenciada por outro professor, que era corredor. Foi quando “descobriu a corrida que tem uma vantagem: *todos* são vencedores, quando conseguem completar. Três meses depois eu estava ganhando a competição da escola e daí não parei mais”, afirma ele.

A última grande aprendizagem como aprendiz de corredor, na faculdade, foi a técnica da competição, cuja base é a “sensibilidade de saber o momento de incentivar”. E hoje, quando leva seus alunos do meio rural para jogarem na cidade, ele diz ter que “usar a tática para saber como vamos jogar, já que estamos vindo de um lugar longe, e quando chegamos na cidade somos discriminados: é ‘chuchu’ para lá e ‘inhame’ para cá. E a gente tem que superar isso”, ensina ele.

Outro ingrediente de sua experiência que considera fundamental ao ofício docente é a participação em competições, pois estas lhe “mostraram que você sempre tem algo a melhorar e se superar”. Além de reconhecer os limites, o que só chegou em um curso de especialização em fisiologia do esforço, quando percebeu que ele não era o modelo de atleta, mas apenas “um esforçadinho”. Contudo, reconhece “que fez a sua parte” e chegou a ser o campeão brasileiro nos jogos estudantis³³.

Aquiles não escolheu a profissão, ela que o escolheu. Formado em educação física, mudou-se para o interior por ter passado em concurso para magistério do estado. Estava trabalhando como marítimo, e, entre uma viagem e outra, numa parada no porto do Rio, recebeu o telegrama de chamada ao trabalho. De estalo, resolveu largar o ofício de taifeiro e a possibilidade de ser técnico de corrida para “virar professor”. Mudou-se, gostou do clima agradável, “de correr pelos campos”, e, então, conheceu a Maria. Mas ainda hoje se sente mexido ao pensar que poderia estar morando na cidade grande e trabalhando como técnico. Por outro lado, ao perguntar-

³² Nesta escola, havia um programa especial extracurricular de teoria musical, canto orfeônico e educação física. Aquiles se recorda que, apesar de não ter habilidade nenhuma, ele se metia a aprender tudo, porque gostava de participar. Por não ter voz para cantar (“ainda mais naquela época da voz trocando”, lembra ele), e ter achado a leitura de partitura muito difícil, acabou “descobrimo a corrida”.

³³ Este curso de especialização foi escolhido porque ele queria compreender melhor a corrida (“penso em corrida 90% do meu tempo”, confessa ele) e, neste momento da conversa, percebe um único sinal de dúvida sobre a escolha profissional e de vida.

lhe o que vai fazer daqui a cinco anos, quando irá se aposentar, Aquiles responde que vai continuar a estudar e a “ser professor, sempre”.

Apesar da segurança atual, o início da carreira foi “uma tragédia”, já que ele não possuía preparação, nem condições mínimas de trabalho, “porque o estado só dá os diários, as turmas e, quiçá, uma bola”. Para dar conta do conteúdo, recorreu aos cadernos da faculdade, mas diz que quem lhe ensinou o ofício foi “por incrível que pareça, os alunos. Você aprende muito com os alunos. Eu me escorei muito neles (...). E até hoje é assim: você tem que sentir os alunos para poder trabalhar. Só que naquela época eu não tinha a experiência de vinte e quatro anos”.

Um período de grande investimento foi quando se tornou, além de professor (jamais largou as turmas), diretor de escola e atuou, depois, como orientador pedagógico de disciplina, quando viveu “um outro lado do magistério”, época de grande crescimento, o extraclasse, “tão criticado pelos professores, mas tão necessário”, porque teve que pesquisar, ler, “principalmente a parte pedagógica”.

Aquiles foi convidado por dona Clair para dar aula no Viola, de onde nunca mais saiu (apesar de morar no centro da cidade, e, portanto, longe da escola), porque se sente muito bem no ambiente e considera os professores excelentes profissionais e ótimos colegas. Os seus alunos são “pessoas esforçadas, religiosas, que valorizam muito a escola, por ser este o único local de convívio social que têm fora da igreja”.

O professor tem uma avaliação muito ampla de seus alunos. Além dos anos de convívio, Aquiles realizou para a monografia da especialização um estudo fisiológico dos estudantes da escola-da-dona-Clair³⁴. E diz considerar todos esses fatores na avaliação acadêmica dos alunos, que consiste em uma avaliação prática, uma avaliação escrita e uma avaliação diária³⁵.

³⁴ E conta como eles, por iniciarem o trabalho de educação física apenas a partir da quinta-série (“pois o estado não cumpre a lei e fornece esse ensino antes”), não recebendo, assim, uma formação de base (“o rolamento, a cambalhota, a prensão, o passar a bola, aprender a receber, alongamento, flexibilidade”), têm dificuldades com a coordenação fina (“a apreensão, o toque e até dificuldade para escrever”). Além desse déficit escolar, a maioria das crianças trabalha desde cedo (alguns com “foice, enxada, facão”): dos 94 que responderam ao seu questionário, apenas cinco não têm outra atividade fora da escola e 70% deles trabalha na lavoura. Nesse total, ele verificou que as crianças de Vista Alegre estão “muito fora do padrão”, pois apresentam uma defasagem grande entre o peso e a altura, com a existência de “muitos nanicos e peso-leves. Se der um vento, carrega”, brinca ele.

³⁵ Tive acesso a esses critérios de avaliação ainda em 2005 quando fui convidada por Aquiles para assistir a uma aula, uma das poucas ministradas por ano dentro da sala de aula, e confesso que me

Aquiles se considera uma pessoa “individualista”, “um chato”, característica pessoal aprendida, segundo ele, com a corrida, que o “ensinou a fazer sozinho”. Comenta “que não sabe como a Maria e os colegas o agüentam”. Estes, aliás, costumam brincar muito com Aquiles, pois o acham responsável, mas, ao mesmo tempo, engraçado³⁶.

Paradoxalmente, Aquiles critica a direção “da Clair” por ela se “recolher muito na parte burocrática da escola” e não acompanhar o trabalho dos professores, deixando-os com muita autonomia: “prefiro uma direção que me guie”, declara a mesma pessoa que acabou de afirmar que gosta de trabalhar sozinho. Ele lamenta, ainda, o pouco espaço e tempo de interação entre os colegas professores, e afirma categoricamente ter participado da elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola, que diz seguir até hoje, ainda que sozinho.

Contradições à parte, e apesar de ter intimidade, “muito carinho, respeito, admiração e reconhecimento ao longo trabalho da Clair pela educação”, Aquiles é incisivo ao qualificar o trabalho da direção como “fracíssimo”: “A escola funciona, mas principalmente por causa dos professores. (...). E o corpo docente é muito bom! Acho que o grande mérito é dos professores. Podemos reclamar, mas no trabalho somos muito sérios! Mas muito sério *mesmo*! O pessoal é espetacular”.

Aquiles crê que “a mudança de comportamento e a transmissão da cultura dos mais velhos para os mais jovens” é a finalidade da educação e da escola, mas também reconhece que a educação não está atingindo a todos. Por isso, ele se diz “fã do Programa Especial de educação do Brizola e do Darcy, porque foi a primeira vez que se pensou em um programa geral de mudança de comportamento da classe pobre (...).

diverti muito, como relato no capítulo IV. Assisti a mais duas aulas de Aquiles, sempre convidada. Na última, em outubro de 2006, dividi a cadeira na quadra com uma estagiária de Educação Física em uma universidade da cidade próxima que se preparava para filmar e que, ao ser perguntada por que estava fazendo estágio tão longe de casa, respondeu que ele era um professor de Educação Física “muito bem conceituado no meio, porque sabe unir a teoria com a prática”, não deixa ninguém sem jogar (por coincidência, uma aluna grávida e sem um braço assistia interessada à aula), tem (e impõe) respeito a seus alunos; enfim, “parece gostar muito do que faz”.

³⁶ Ele se recorda, durante a entrevista, de uma gozação que costumam fazer com ele (e que eu mesma presenciei) sobre o fato de ele sempre “andar com uma bolinha debaixo do braço” e usar um “chapéu emprestado da Maria”, para protegê-lo do sol quente (já que a escola não possui quadra de esportes coberta).

Enquanto isso não for resolvido, o problema socioeconômico não terá solução”.

Embora credite à educação um papel de motor das mudanças necessárias a uma sociedade mais informada, e, portanto, mais igualitária, Aquiles reconhece que muitos de seus alunos “não vêem objetivo na escola. A escola não consegue mostrar o aqui, o agora e o futuro. É um pecado nosso. Por isso planejamento é tudo: tem que saber onde sai e onde chega. Muitos não sabem onde vão chegar. Aquele universo é uma reprodução do *status quo*: nasceu pobre vai morrer pobre”. Ele considera o planejamento o item mais importante de um trabalho docente bem sucedido: “você tem que saber quando começa, para onde vai e como chegar. Eu tenho planejamento”, por ano, bimestre e mês.

Apesar disso, também reconhece que “a aula nunca é a mesma. Só o conteúdo. Não há estabilidade”. Por isso, adota um estilo de ensinar teatral: “eles são a minha platéia!”, afirma Aquiles, cuja justificativa para o nome escolhido nesta pesquisa é porque ele significa “o que quer ser lembrado por gerações e gerações, apesar da morte”.

William: o comunicador tímido

William tem dois filhos, de 4 e 14 anos, e é casado com uma professora³⁷. Mora numa região rural próxima de Vista Alegre, local onde nasceu há 42 anos. Escolheu se chamar William como uma homenagem ao personagem do frade franciscano, do livro **O Nome Da Rosa**, de Umberto Eco. Este personagem da Idade Média “usa a razão e a lógica”, como o professor, que se qualifica como “curioso”, tanto que se tivesse tido a chance de escolher livremente, gostaria de ter sido jornalista investigativo: “eu gosto de investigar e de escrever”.

Apesar do uso da razão, paradoxalmente, William se emocionou várias vezes durante a entrevista, ao falar de sua relação com os alunos e de se lembrar da mãe, uma professora leiga do meio rural nos anos de 1940³⁸. Também a avó materna foi

³⁷ A conversa com o professor de História William aconteceu no restaurante de uma fazenda, num domingo de manhã. O local era silencioso e só fomos interrompidos por sua filha Lara, de 4 anos, que às vezes vinha até onde estávamos sentados e falava com o pai.

³⁸ A cerca de hora e meia em que durou nossa conversa parece ter sido um período de revelações

professora leiga em uma região rural “onde quem sabia ler ensinava”. O pai era lavrador e analfabeto, e um sério problema de saúde o impediu de trabalhar, o que forçou a família a vender suas terras e migrar para uma cidade maior, na busca de emprego, época em que sua mãe trabalhou de empregada doméstica e William, de ajudante de açougueiro e operário de fábrica. Ele, filho mais novo entre seis irmãos, conta como viviam mal em uma casa de dois cômodos que abrigava oito pessoas.

William sempre estudou em escolas públicas e parou no ensino médio³⁹. Ao ser questionado pela namorada, atual mulher, por que uma pessoa tão inteligente como ele não continuava estudando, lembrou-se do conselho para que fizesse História, dado por um antigo professor de cultura religiosa, em cujas aulas, apesar de ser muito tímido, ele “se soltava muito porque o professor abria para discussão”.

Da faculdade, particular, cursada no município vizinho onde morava, em 1980, William se recorda dos tempos difíceis iniciais, quando quase desistiu, pela timidez e pela linguagem, “muito complicada”. Mudou porque gostou de política e do debate. E, ainda, porque se envolveu nos protestos de rua dos anos de 1980, ao final da ditadura, de quando ficou a “idéia de que se a gente não sair para conquistar a gente não vai conquistar. Os tempos são outros e a maneira de protestar é diferente. Mas isso marcou bastante”.

O professor se recorda também de dois ex-professores do ensino médio, que “abriam para o debate” e que cobravam trabalho, como influências marcantes no seu modo de ser hoje professor. A professora de literatura levava músicas, uma paixão, e Arcadismo nunca foi esquecido porque ela levou a música da Rita Lee que falava ‘se Deus quiser, um dia quero ser índio (...).

E o professor conta como gosta de trabalhar com música e “abrir para o

peçoais. Ao final, William confessou:

agora é que eu parei para pensar nisso: a única coisa que acho interessante nessa trajetória, já que você me lembrou de coisas nas quais eu não pensava há muito tempo, é que acho curioso (isso já é um lado mais sentimental) o fato de eu ter optado pelo magistério, com a história de minha avó e minha mãe. Foi curioso. E é claro que a maior incentivadora foi minha mãe, que conseguiu bolsa, que me incentivou a entrar na faculdade. Acho que ela talvez já soubesse disso, já tivesse isso na cabeça, com relação à educação. Eu sou o mais novo e o único formado no ensino superior.

³⁹ Apenas no primeiro ano do ensino médio sua mãe arranhou-lhe uma bolsa de estudos em uma escola particular, que repetiu, “por falta de vergonha na cara, pois caí na farra e não ia à aula, que era à noite”, lembra ele.

debate”, para o qual pede que os alunos leiam um texto de antemão, o que infelizmente a maioria não faz. Acredita que, para aprender, o aluno “tem que saber relacionar o que ele está vivendo agora com coisas que já aconteceram no passado”. Em suas palavras: “Eu entro na aula destacando questões fundamentais que envolvem o assunto e o que faço muito é relacionar. (...). Seja lá na Idade Média com o que está acontecendo agora. (...). E através dessa relação eu gosto que o aluno reflita. Fico buscando a participação dele na aula, querendo que eles falem, (...). Eu preparo, entro e relaciono”.

O professor parece valorizar a importância de o aluno entender o sentido da História no seu presente, e gosta de “trabalhar com a idéia de que a História não é matéria do passado”, mas que é “o estudo do passado para entender o mundo à nossa volta, para melhorar o futuro”.

William afirma não ter nenhum problema de indisciplina, pois seus alunos o respeitam, uma vez que ele intimida muito, porque é quieto, além de que o que combina no primeiro dia de aula vai cumprindo item a item: “Na escola pública, está muito fácil de trabalhar para quem não quer trabalhar. Se você não quiser fazer, não faz nada. Eu combino na escola pública as mesmas regras que tenho na escola particular”, conclui ele.

Além das regras de disciplina, o professor “combina” um programa de conteúdo e as formas de avaliação. Estas consistem em três instrumentos, a saber: uma prova individual, escrita, discursiva; uma outra, objetiva (“estilo vestibular”); e um trabalho em grupo, que ele considera “fundamental, porque acha que é “a hora que vou ouvi-los melhor”, um trabalho de “apresentação”, quando todos se reúnem em um círculo e ele “abre para o debate”, como diz gostar muito de fazer. Ainda sobre este último, ele afirma, solidário com os alunos: “valorizo mais quando o aluno se preparou mesmo. No trabalho em grupo, não dou nota vermelha, porque eu estou forçando a barra com ele para falar e sei como é ser tímido”.

William tem, também, um outro modo de trabalhar herdado da época de estudante: começa o ano fazendo uma revisão do conteúdo do ano anterior, revisão esta que dura geralmente um mês e meio e para o qual usa um “gráfico-mapa” criado por ele. Do mesmo modo, começa toda aula fazendo uma revisão da anterior. Isto

porque acha importante os alunos se situarem sobre o assunto, embora aconteça de durante essa revisão ele perceber que muitos não entenderam e ele tem “que dar a aula de novo”.

William diz que é bom ser professor porque é a sala é um dos poucos lugares em que ele se “solta mesmo”, “às vezes, até demais”:

eu ando para cá e para lá, não fico parado não. Vou lá no meio, falo alto. Paro. Eu sou tímido, mas dando aula eu falo bastante. Conto piada. Estou sempre provocando os alunos para ver se eles participam. Às vezes, ele não está nem atento e eu pergunto: “o que acabei de dizer?” Fico provocando e, às vezes, falo uma besteira no meio da aula para ver se alguém percebeu. Quando ninguém percebe, eu brinco: “então, podia ter mandado todo mundo sentar a cabeça na parede do lado de lá que todo mundo ia”. Faço essas coisas assim.

E completa, entusiasmado: “Eu gosto do contato direto com o aluno. (...) Quando você pega uma turma que se envolve, é muito bom!”. Trabalho dinâmico, nada repetitivo, bem diferente, recorda-se ele, do antigo trabalho monótono na fábrica.

Mas nem sempre foi fácil assim. Dois anos depois de formado, foi convidado para assumir todas as turmas de História de um colégio particular na zona urbana, onde está até hoje (além de ter três matrículas no estado). A dificuldade inicial esteve relacionada à timidez, e ele “lia quatro ou cinco vezes a mesma coisa antes de dar aula, à noite, em casa”. E reconhece que foi nessa época que aprendeu todo o conteúdo de História, que “aprendi muito mais dando aula que na faculdade. (...) Na faculdade os conhecimentos são muitos específicos. Fui aprender coisas que nem de perto alguém mencionou na faculdade”, reflete o professor. Na faculdade, segundo ele, “você trabalha autores, textos, mas você não tem uma panorâmica geral da História não”.

Isso no que se refere ao conteúdo, mas também à metodologia, embora esta ele acredita ter aprendido também consultando a mulher: “na verdade, foi a questão prática mesmo. Eu comecei a dar aula de um jeito, fui me adaptando, tentando melhorar, porque acharam que não estava bom. Na escola particular tem muita pressão dos pais. Eu fui mudando”.

Com cinco anos de formado, William diz ter aprendido muito de história do Brasil, em um curso de pós-graduação oferecido pela UFF na cidade vizinha, quando “pessoas que eu tinha como ídolos, os autores, vieram e eu pude conhecê-los de

perto” recorda-se emocionado, ao concluir que esta foi a época de maior investimento na carreira docente. Do orientador da monografia ganhou, além de uma boa nota, também o conselho para que fizesse mestrado, um sonho que hoje acompanha sua vida de professor. Além deste, o professor deseja poder um dia ministrar apenas aula sobre história do Brasil para ensino médio.

Atualmente, ele se sente sobrecarregado, com catorze turmas a partir da quinta série. E acha “massacrante” quando tem que falar a mesma coisa em três quintas séries seguidas, ou, ainda, quando dá aulas das 7 da manhã às 5 da tarde: “em pé o dia inteiro e falando. Às vezes, atrapalha, e a cabeça da gente dá aquele nó”, desabafa William.

Entretanto, o pior da profissão é citado como extraclasse, mas, na continuação da reflexão, William faz uso da “estratégia do relacionar”, e conclui que:

O desencanto tem a ver com a desvalorização profissional e o corre-corre para se ter um salário melhor. Tem dia que o corpo não está mais obedecendo e você tem que...eu não sou de me entregar à toa, então, eu vou, mesmo sem ter condição estou trabalhando, não sou de faltar. (...) O ideal seria ter salário razoável para trabalhar em uma escola só, porque aí até o envolvimento seria maior. Aí, eu já não acharia tão chato ir às reuniões, ter que trabalhar numa festa (porque eu acho chato). (...) Se eu trabalhasse numa escola só, era uma festa só, uma reunião só.

William foi trabalhar no colégio Viola com as turmas a partir da sétima série, há dez anos atrás, por indicação de sua mulher, então professora lá. Afirma ter uma relação muito boa com seus colegas, que o consideram “caxias” (sempre ele cumpre horários e regras), e também com dona Clair, por (e de) quem sente muito respeito, apesar de achá-la muito desanimada nos últimos anos, uma vez que sempre que os professores sugerem alguma coisa ela diz: “não, meu filho, é assim mesmo.”

William lembra que a maioria dos seus alunos são pobres, filhos de agricultores, com quem eles pouco conversam sobre a escola, pois “o homem do campo, o homem rural, tem dificuldade de ser expressar emocionalmente, de viver a afetividade”, o que torna a comunicação da escola com os pais “muito precária”. O professor, ainda, crê que os alunos o consideram exigente, têm-lhe muito respeito e, alguns, simpatia “porque consigo entrar mais no mundo deles”. E completa que “ (...) a garotada de lá é muito boa, porque o Viola tem uma coisa que outras escolas não

têm: a escola é o ponto de encontro deles. Por causa das distâncias, eles não têm muita diversão. Aquela escola parada, para eles é uma monotonia. É o ponto de encontro e (...) eles respeitam mais a escola. E conseqüentemente o professor”.

Além do lugar do encontro, o Viola aparece, para a maioria dos alunos, como o “espaço para se comunicar com o mundo”, pois eles vivem numa pequena comunidade, em casas distantes, e onde não se tem muito que fazer, além de trabalhar: “Onde ele teria contato com o computador, se não fosse lá? Onde alguns teriam contato com filme (não os de massa, que passam na TV)?”, conclui ele.

Entretanto, pensa que o perfil do alunado está mudando, pois eles estão passando a descumprir regras essenciais para o funcionamento da escola, apresentando alguns problemas de indisciplina. Sem citar nomes, William responsabiliza alguns professores que não cumprem com seus alunos o que foi tratado. A mudança se refere, ainda, à quantidade cada vez maior de alunos, mesmo nas séries finais do Viola, e o professor diz ter dificuldade em lidar e “entrar no mundo” de pessoas muito diferentes.

Para William, a finalidade principal da escola e do professor, mais do que ensinar conteúdos é formar cidadão, este um ser humano com valores éticos e religiosos, um comportamento de solidariedade com as outras pessoas, porque “num país como o nosso se não for solidário...”.

Ao exercitar a memória, William se lembrou de uma lenda existente na região de Vista Alegre, que é a história da Chica Cebola, uma andarilha do início do século passado, que enlouqueceu após o parto de sua filha, e vivia pelas pedreiras da região carregando a criança num balaio. Atualmente, quando os pais querem assustar uma criança dizem: “se você aprontar, a Chica Cebola vem te pegar”. William descobriu, depois de muito “usar a razão e a lógica”, que a criança do balaio, criada depois da morte de Chica Cebola por uma família do local onde ele nasceu e mora atualmente, era a sua avó. E é com lágrimas nos olhos que me conta, com orgulho, que costuma se apresentar às crianças do colégio Viola como “o bisneto da Chica Cebola”. E finaliza a nossa conversa dizendo: “Tenho esse vínculo com Vista Alegre, essa história da Chica Cebola”.

Jéferson: um rigoroso na contra-mão

Jéferson tem 52 anos, é professor há trinta, metade dos quais na escola-da-dona-Clair⁴⁰. Embora tenha nascido no centro urbano do município em uma família de classe média, ele morou em um sítio em Vista Alegre, depois que o irmão gêmeo morreu atropelado aos 4 anos de idade, em frente à casa onde ainda mora. A mãe, que Jéferson também perdeu aos 13 anos, é considerada uma “pessoa maravilhosa”, de quem ele “angariou” tudo que tem de bom, toda a sua formação moral e ética: “dignidade, honradez, verdade, ser justo”. Além disso, é descrita como uma pessoa muito culta, que falava francês fluentemente, e que trabalhou por um ano como professora em Vista Alegre, ainda que, por problemas financeiros, tenha tido que “aprender a ser dona de casa, cozinhar e a cuidar dos filhos pequenos”.

Foi também por problemas financeiros que Jéferson resolveu ser professor, porque, ao terminar o ginásio, não sabia o que estudar e fez o curso Normal, como algo provisório, porque o magistério era uma “profissão que era vista naquela época como uma profissão feminina. O homem destoava neste aspecto, principalmente de primeira à quarta”, narra ele. Entretanto, ao se iniciarem as aulas práticas, ele conseguiu “manter a turma em silêncio, sob controle”, quando, então, descobriu que “tinha alguma queda para a profissão”. Usou naquele dia “a tática do Pedrinho, um professor de Matemática que era competente, mas tinha um controle de classe que era uma coisa fantástica”.

Com essa experiência, Jéferson viu “que era capaz”, e “por essa capacidade eu passei a ter gosto, porque a gente só gosta daquilo que sabe fazer”, reflete ele. O professor revela de cara o “estilo Jéferson” de ensinar, pois até hoje diz precisar de silêncio para dar aulas e só permite conversas entre os alunos sobre a matéria. E continua a narrar que o “professor-espelho” tinha “ (...) a questão da autoridade. Competência em administrar a aula e controle da classe que ele possuía de saber o que estava acontecendo e não deixar que houvesse tumulto, conversa paralela. Conseguia manter a atenção, porque ao mesmo tempo em que ele era carinhoso ele

⁴⁰ O professor Jéferson me recebeu na sala de estar de sua antiga e silenciosa casa de muitos cômodos no centro da cidade, construída no início do século passado, onde morou com seus pais e irmãos toda a vida, e onde reside atualmente sozinho com sua mulher, a professora Pilar, tia das professoras Tarsila e Iara.

não deixava a coisa partir para alguma coisa que estivesse fora daquele contexto que ele estava ensinando. Isso me influenciou muito”.

Mas o estilo de ensinar foi adquirido em várias “sínteses” durante a longa carreira de professor (“é uma coisa curiosa: a gente é uma síntese de tudo que vai passando”, reflete ele), iniciada após concurso público, em uma escola rural distante (cujo transporte de acesso tomava metade de seu salário), na qual dividia com mais uma professora as turmas mutisseriadas e a direção.

Ao ser “jogado na escola” com tantas funções para as quais não estava preparado, Jéferson fala da óbvia dificuldade inicial, de como a comunidade rural era “muito integrada à escola”, mas “desconfiada” no início da relação, tendo passado a lhe dar apoio quando percebeu que ele era uma “pessoa com muita integridade e que queria trabalhar”. E essa escola rural “tornou-se um segmento de casa”, um ambiente que se transformou em “uma parte de minha vida”, conta ele. Aqui, mais um ingrediente pessoal se mistura, que é o fato de Jéferson ter se casado com a professora Pilar, que levou para trabalhar na escola quando a outra professora se aposentou: “ficou uma coisa muito boa, porque além de ter a integração com a comunidade, houve uma integração óbvia e clara entre os professores”, comenta ele, entre risos.

Uma experiência que durou até Jéferson terminar a faculdade de História⁴¹ e ir trabalhar com o segundo segmento do ensino fundamental, na escola-da-dona-Clair. A carreira profissional corre paralela à formação acadêmica. Já trabalhando na primeira escola, ele resolveu fazer a faculdade, porque “desde cedo tinha uma queda para a História”, disciplina em que sempre teve as melhores notas. Aliás, ter boas notas foi uma realidade da sua vida escolar: conta, orgulhoso, como passou em primeiro lugar no vestibular, para o qual se preparou cursando todo o antigo científico novamente.

Além da faculdade, iniciada aos 28 anos, Jéferson passou em um segundo concurso para o magistério estadual e assumiu uma nova matrícula em outra escola também rural, muito mais distante de sua casa⁴². Conseguiu conciliar porque fez a

⁴¹ Na mesma instituição particular onde Isaura e William se formaram.

⁴² A rotina deste período era descrita como de muito sacrifício, pois ele ia de ônibus e a pé para uma localidade durante a manhã, onde almoçava, de onde partia para a outra escola de condução paga,

faculdade devagar e, mais, porque não tem preguiça, o que costuma sempre contar aos seus alunos, com orgulho. Há dois anos, cursou, ainda, uma especialização em História numa outra faculdade particular do centro norte fluminense, que, entretanto, deixou muito a desejar não somente em termos acadêmicos, mas também porque até hoje o Estado não incorporou a subida de nível ao salário do professor (“o Estado é muito moroso na hora de pagar, embora seja rápido na hora de descontar”, comenta o professor).

Jéferson chegou ao colégio Viola para ser colega da (já conhecida da pesquisa) professora Jô, de História, que lecionava às turmas mais adiantadas. Depois que esta saiu da escola, ele assumiu todas as turmas até a chegada do professor William, com quem faz uma dobradinha atualmente também em outra escola pública⁴³. Jéferson prefere dar aulas para as turmas de sétima e oitava, preferência para a qual tem duas justificativas. A primeira tem a ver com um jeito “rigoroso” de ser, que dificulta o relacionamento inicial com alguns alunos (“passo mais a idéia de meu rigor do que de minha amizade”). A segunda relaciona-se com o despreparo acadêmico dos alunos de quinta e sexta-série para lerem e interpretarem a História, cujo conteúdo é história antiga, medieval e brasileira (até a colonização): “como vão aprender História, se História é interpretação? Não é ‘decoreba’. É você estudar o fato e ter uma análise crítica sobre aquilo que estudou”, acredita ele.

Jéferson já usa a sala dos computadores para realizar pesquisas na internet e costuma buscar fazer o aluno entender como “a História é uma matéria muito dinâmica e atual, que está sempre em evolução”, pois um fato antigo pode ser transportado, em uma circunstância diferente, para a atualidade.

Apesar de acreditar que é “uma síntese de tudo que vai passando” pela vida, contraditória e complementarmente, Jéferson também afirma que, desde adolescente,

aonde chegava “a tempo de colocar as crianças para dentro” e dar mais 4 horas de aula. Ao fim do dia, voltava para a cidade, de onde pegava um ônibus para uma outra cidade a fim de cursar a faculdade.

⁴³ Neste período, fez novo concurso para o magistério estadual e, por ter sido “muito bem colocado, modestia à parte, o terceiro lugar na região serrana”, pode transformar a matrícula mais nova em professor I, e, ainda, escolher onde ia trabalhar, quando optou por dar aula de quinta à oitava também nessa outra escola. Ele diz que não queria ter que fazer planejamento de quinta até segundo grau, como estava fazendo em Vista Alegre com a saída da professora Jô. Atualmente, leciona às quintas e sextas séries na escola-da-dona-Clair, e de quinta à oitava na outra escola.

foi fazendo as suas opções por si mesmo: “sempre fui uma pessoa muito fechada, de poucos amigos, adoro ficar sozinho, em casa”. Ele se autodefine como “sério, exigente e rigoroso”, mas que também sabe criar um “ambiente amigável, de concórdia” na sala. Resumindo, “eu brinco, mas na hora de falar sério, vamos falar sério”.

E ele fala a sério de como é “daqueles que ainda querem (...), contra tudo e contra todos, uma escola séria. Que ensine, que cobra e que forma. Que dá o mesmo conteúdo de uma escola particular”, em que pese o fato de que “o Estado tenha perdido a vontade de fazer uma escola pública de qualidade”. E se sente na “contramão do ensino atual” e pensa que aqueles colegas de trabalho que procuram passar o aluno independente do conhecimento não lhe vêem com bons olhos. Acredita que está formando pesquisadores de História e diz usar frequentemente com os estudantes mais avançados o antagonismo da sua própria figura (sério e amigo), para fazer-lhes entender a importância de “ouvir várias fontes”, “analisar a particularidade de opiniões”, antes de se formar uma idéia.

A escola tem como função formar o cidadão, “aquele que sabe dos seus direitos, que sabe que vive em uma sociedade injusta e que vai lutar, dentro do contexto democrático, para transformar essa sociedade. Esse é meu ideal do projeto de formação de cidadania.”. Além da possibilidade de formar cidadãos, para ele é bom ser professor porque pode aproveitar sua profissão “para formar espiritualmente a pessoa”. E completa: “eu não estou querendo que ele seja o católico apostólico romano. Eu quero que ele dê valor, no sentido que a vida dele vai continuar (...). Eu quero tirar da criança a visão materialista, de que o mundo foi, o mundo acabou. Porque eu creio na ressurreição”.

E diz crer, ainda, que a importância de ser professor é exatamente porque ele “lida com seres humanos, seres eternos, que são os mais importantes da face da Terra”. Assim, a exigência do trabalho é grande e está diretamente relacionada aos valores que o professor tem. Os seus próprios, alguns dos quais aprendidos com a

mãe e já citados no início, passam pela honestidade no trato com os alunos e no cumprimento dos deveres, este adquirido na relação com o pai, segundo ele⁴⁴.

E é esta pessoa inteira que entra para dar aula. E que afirma não conseguir deixar despercebida a falta de atenção ou de respeito de um aluno: “se o aluno quiser bagunçar, ele não consegue porque ele me tira do sério fácil, fácil”. E adiciona que, embora cobre do seu aluno, que ele considera não um coitadinho, mas alguém pronto a aprender, ele procura “fazer a coisa direita”. E completa: “no magistério, você sabe, quando se faz com dedicação, se perde muito tempo, se trabalha muito”.

Por isso, ele se sente sobrecarregado de trabalho, embora lembre que já foi pior, porque já esteve mais rigoroso⁴⁵, quando queria mostrar aos alunos que pode exigir porque faz a sua parte: “Têm até pessoas que não cobram dentro do magistério, porque não têm o que cobrar. O meu rigor da cobrança é justificado pelo meu empenho”.

Jéferson faz três avaliações diferentes, prova escrita, teste, debates, e acredita que “o aluno que estuda para pelo menos duas avaliações vai se sair bem”. Diz valorizar o trabalho em grupo, mas acredita que a avaliação tem que ser individual, e que se “conhece pela prática que a gente tem quem é bom e quem não é, quem estuda e quem não estuda”. E também é pela prática que “você vê até o que gosta de você e o que não gosta”. Ainda em relação à avaliação dos seus estudantes enquanto pessoas e às maneiras de sua socialização, o professor crê que o aluno “é forjado na escola, mas principalmente em casa” e que é raro se ter o ideal de aprender quando a família não valoriza.

O professor fala de como Vista Alegre “é uma comunidade muito fácil de se trabalhar, coesa, pequena”, mas destaca uma mudança no perfil do alunado e da comunidade, ocorrida “com o progresso”. Quando chegou na escola, há 15 anos atrás, Vista Alegre tinha luz, mas a estrada não era asfaltada e as pessoas que moravam na vilazinha costumavam se visitar à noite. Com a chegada do asfalto, em 1998, e,

⁴⁴ Ainda sobre a influência dos pais em sua formação ética, Jéferson afirma: “sou uma pessoa por parte de pai (...) e por parte de mãe (...). Meu temperamento tem essas duas características: ao mesmo tempo em que tenho tranquilidade, também tenho pavio curto. Eu sou muito explosivo”.

⁴⁵ Ele lembra que chegou “ao cúmulo de fazer um mapão com todos os objetivos que o aluno acertou ou errou e, ao final do ano, fazia uma prova individual de recuperação anual”, liberando o aluno de responder às questões cujos objetivos ele já tinha atingido. Agora já não há mais essa prova cumulativa do ano inteiro, que ele reconhece ter sido “uma coisa de louco”.

depois, com o loteamento, vieram muitas pessoas de fora, o que muda a “mentalidade da formação da própria escola”: “antes era mais fácil, mais prático”, pois havia mais integração, disciplina e coesão” entre alunos e professores segundo ele.

Jéferson reclama que dona Clair “devia ter procurado manter a integridade e a união”, mas que ela “não é de tomar muito as rédeas da escola”, não consegue manter a disciplina, embora a escola “seja fácil em termos de disciplina”: quando há aulas vagas, os estudantes ficam do lado de fora fazendo barulho, o que atrapalha muitas vezes sua aula e lhe dá dor de cabeça. Embora o professor acredite que não é “o tipo ideal para ela, porque ela vê o aluno como um coitadinho que tem que ser aprovado”, pensa que dona Clair o considera uma pessoa séria, um professor que raramente falta ao trabalho. O professor admira a calma da diretora, uma pessoa “que nunca fica preocupada se tem muita coisa para fazer e sempre mantém sua autoridade”.

Quanto ao momento atual da carreira, Jéferson se sente desencantado, pois “vê a educação caminhando cada vez mais para uma maior penúria, com pouco investimento, de não se saber o que se fazer na escola (...)a gente quando começa sonha que um dia vai melhorar. Eu comecei a dar aula a gente estava no regime militar. Eu achava que de uma forma ou de outra a nossa profissão ia melhorar”.

Ele não se refere apenas ao salário, mas principalmente à formação do professor, ao acompanhamento e à avaliação pelo Estado. Sobre esta, critica a falta de critérios do Programa Nova Escola e comenta: “Eu falo para o meu aluno: ‘eu fecho a porta aqui e eu posso fazer o que eu quiser, até brincar de roda com vocês’. Eloiza, eu queria viver num país onde o cara que te pagasse te cobrasse”.

Em relação à formação, Jéferson lembra que “a profissão é injusta”, uma vez que até para ler o professor tem pouco tempo, porque a preparação de aulas tira um tempo de investimento na própria formação. Por isso, ele diz que “lê em partes: levo muito tempo para ler um livro. Jornal, eu não tenho assinatura (...) mas meu irmão tem. Eu chego lá, dou uma folheada e já acabou o tempo. (...) E na época de prova, nada de sítio”, cuja visita (para “mexer com mato”, fazer atividade física, “extravasar”) é atividade favorita. Ele também gosta de ler e de “mexer com máquinas antigas”: “eu sou metido a consertar as coisas”, revela ele.

Apesar do desânimo, o professor revela: “queria, aos 30 anos de profissão, é estar aposentado de uma matrícula e ficar com uma só. Seria muito mais prazeroso, eu investiria muito mais na formação, poderia me aplicar mais, além de fazer as outras coisas que eu gosto”.

Termino com uma idéia recorrente na narrativa de Jéferson: a afirmação de que investe diariamente no pensamento de que está fazendo um trabalho que está cada vez mais em desuso, mas que ele está fazendo o que acha justo.

Henrique: o amigo sério e organizado

Henrique é o nome de batismo do professor de inglês de todas as turmas a partir do sexto ano da escola, conhecido por todas as pessoas por um apelido, o que o fez escolher apresentar-se na pesquisa “simplesmente pelo nome de batismo”. Nasceu e mora no centro urbano do município há 46 anos, foi contador da prefeitura municipal por sete anos antes de se tornar professor, há 22 anos, 16 dos quais completados na escola-da-dona-Clair. Apesar da distância, o professor diz que vai para Vista Alegre muito satisfeito, pois sente muito carinho por dona Clair, uma pessoa muito conciliadora (e que acredita vê-lo como um filho) e gosta muito do corpo docente e discente da escola, que considera muito comprometido, porque faz a coisa com seriedade: “nosso professor tem esse perfil da tranquilidade de dona Clair, de estar sempre lá. Eu vejo histórias de professores fora que faltam muito. Lá a coisa funciona direitinho. Lá uma vez ou outra falta professor”. Só reclama um pouco das reuniões dos professores da escola, porque, embora reconheça a importância desses momentos de interação para a visualização do todo, acha que eles acabam sendo desnecessários, já que “a gente perde esse espírito e acaba falando muito em nota”, reflete ele.

Henrique afirma nunca ter sentido monotonia durante o exercício do ofício e reconhece ainda estar investindo na profissão. Não se sente sobrecarregado de trabalho, pois vive atualmente com sua mãe viúva, uma senhora idosa que saiu da roça para trabalhar como empregada doméstica na zona urbana, onde se casou com um motorista do supermercado da cidade, e virou dona de casa. Ambos os pais estudaram até a terceira-série primária. A infância foi “super tranquila”, e o professor dividia as brincadeiras na rua (“não tinha essa de ficar em casa, não tinha televisão e

o que tinha que se fazer era brincar muito, de manhã, de tarde, de noite” recorda-se ele), com os estudos, feitos até a oitava série em escolas públicas e completados com a frequência a escolas particulares, tanto no curso de contabilidade, como no Normal e, depois, na faculdade de Letras.

Henrique conta que detestava Matemática e Física, motivo que dá para justificar não ter passado para o vestibular de Medicina, momento a partir do qual começou a trabalhar e a sustentar seus estudos, inclusive de línguas (inglês, francês, espanhol e alemão), pois tinha esperanças de ser comissário de bordo, desejo que acalentava desde menino, para poder “viajar, conhecer outras pessoas, outras culturas”, lembra ele. Nesta época, embora já formado no curso Normal, costumava dizer que não queria ser professor. Entretanto, ao perceber que a carreira de comissário era inviável para um rapaz do interior que tinha que trabalhar para se sustentar, resolveu abandonar o emprego de contador, com um bom salário, e passou dois anos dando aulas particulares. Até que fez o concurso público para o magistério municipal, em 1989, e foi trabalhar no colégio Viola, como professor de terceira e quarta-séries, conveniado com o estado. Em suas palavras:

Parece que eu tinha nascido para aquilo: adorei! De imediato, adorei. (...) Tudo era bom: o contato com as crianças todos os dias, aquela coisa. (...) Eu não fiz o concurso como o sonho de minha vida. Eu fui gostar do magistério depois que comecei a trabalhar. (...) O que me encanta até hoje em ser professor é o fato de você ter o contato com o aluno diário e você saber que um dia é diferente do outro. E você ter o retorno: você sentar, preparar um exercício, uma prova, uma atividade, pensando naquela sua turminha, naquele seu aluno. Você pensa nele, faz pensando neles, e o retorno é imediato. Você fez e voltou satisfeito. Foi bom e valeu a pena ter ficado preparando isso.

Um ano depois, já transferido para uma outra escola rural municipal nas imediações de Vista Alegre, Henrique conta da dificuldade de acesso (uma hora de caminhão de leite em estrada de chão, somada a hora e meia de subida a pé) e do medo que tinha de cobras (diariamente, “fazia uma oração para são Bento e subia”, lembra ele emocionado). Mas o maior desafio foi assumir nove alunos em uma turma multisseriada de alfabetização e primeira série, vencido com a “busca de livros e aconselhamento de outros colegas de fora”.

Dois anos mais tarde, e com mais uma aprovação em concurso público para o magistério estadual, Henrique estava de volta ao Viola, chamado pessoalmente por dona Clair, desta vez como professor de Inglês, pois já estava cursando a faculdade.

Lembra que mesmo antes de trabalhar lá tinha ouvido falar que os “alunos eram diferentes, mais interessados, mais prontos para receber informação. Disciplinados até”. Acha que, com o passar do tempo, “alguma coisa mudou”, pois eles “estão chegando na quinta série mais novos” e é “como se já estivessem na escola há um tempão”, o que os fazem menos “retraídos”. Percebe também mais uma mudança no alunado, que “está mais crítico, mais ligado, mais por dentro das coisas”. Entretanto, apesar das mudanças, eles “estão sempre interessados, prontos. Tudo que se propõe eles fazem, numa boa. Gostam do que fazem. Você não vê expressão de desagrado”, reconhece ele.

Isso porque a escola é um local importante para a maioria dos estudantes, “um lugar em que eles se encontram, fazem amigos, arrumam namoradinhos e namoradinhas. (...) Eles não têm outra opção: ‘estou aqui e é aqui que quero estar’. (...) Acho muito bonitinho ver nosso aluno do ensino médio chegando quinze para meio dia (...) todo arrumadinho, de uniforme direitinho”, completa Henrique.

Acredita que os estudantes o reparam muito e o consideram bastante organizado. Ele se reputa, ainda, “muito metódico” (sempre cobra prova assinada pelos responsáveis) e “muito bem humorado”, características que reconhece ter herdado de alguns “ótimos professores” que teve durante seu percurso escolar, muito exigentes, com quem aprendeu muito e “que pareciam gostar *muito* do que faziam”. Henrique sempre começa a aula dando uma volta pela sala e arrumando-a (não gosta de aluno encostado na parede, nem de quadro sujo, e gosta de trazê-los o mais para frente possível), momento em que também cumprimenta os estudantes e faz brincadeiras. Depois, reza uma oração, o que o fez ouvir a brincadeira do estudante de que “reza um terço por dia”.

Uma vez que reconhece que a língua estrangeira é muito diferente para seus estudantes, Henrique tem diversos métodos de abordagem do conteúdo: trabalha “muito com texto, com vocabulário e com autoditado para os mais novos”; geralmente faz uma contextualização (para “buscar as informações que eles têm”), depois uma pré-leitura (com a “identificação de palavras transparentes”), a partir de quando os estudantes discutem o tema com os colegas e terminam o trabalho com

uma fase escrita; a gramática normativa é trabalhada do modo tradicional, com apresentação e exercícios individuais de fixação com autonomia.

Henrique ressalta a sua presença constante para mediar a aprendizagem: “durante as aulas não sou de sair de sala toda hora, pois quero que o aluno possa contar comigo e não levar dúvida para casa. ‘Vamos entender agora o que estamos fazendo’. Minhas aulas rendem muito”. Pergunto-lhe o que isto significa ao que ele responde que sente que a aula rende quando corresponde ao planejamento, feito uma vez por semana, para todas as turmas da escola-da-dona-Clair, para a outra escola estadual e para a escola particular em que também leciona.

Quanto à avaliação, o professor afirma buscar aferir “a questão do estar aprendendo, sabendo fazer” e levar seus alunos a viverem o “momento prova” da forma mais agradável possível. Para isso, proporciona várias oportunidades de encontro com a língua, antes de realizar um exercício valendo nota.

O cuidado na relação com os estudantes é explicitado em outros momentos, especialmente quando ele fala dos laços de amizade e de afetividade que cria com seus alunos, mais fortes do que os que tem com muitos parentes. Porque se não podemos escolher os parentes, os estudantes, ao contrário, são pessoas com as quais nos identificamos no convívio diário, que passam a se conhecer e de quem nos tornamos amigos: “essa é a satisfação de ser professor, de estar no magistério. Gosto demais!”.

Adiciona, também, que embora o professor tenha uma formação acadêmica, um plano de curso a cumprir, toda a burocracia de escola, ele cria laços de afetividade e de cumplicidade com a turma, o que o faz entrar na sala com sua matéria e com o seu jeito de ser. Segundo Henrique, as exigências do exercício do ofício são “acima de tudo, a verdade, a transparência, nunca mentir para o aluno. Ser você mesmo”. E ser capaz de “sacar o aluno”, saber o que ele está sentindo e precisando. Ele lembra que os antigos alunos primários dos anos de 1980 eram mais dóceis e recebiam como o máximo qualquer atividade proposta. Atualmente, com os estudantes mais velhos, o professor tem prazer em contar suas experiências, e que o adolescente gosta de ouvi-las: “você vê que o aluno ainda te vê como aquele que está

ali te ensinado uma coisa, que ele pode perguntar, que na medida do possível a gente pode bater um papo legal”.

Se diz se sentir valorizado pelos alunos e seus pais, afirma também não sentir o mesmo em relação ao “patrão”, o que não chega a incomodar, mas que reconhece “que não faz bem”. Além de um processo de enquadramento profissional que se arrasta por dez anos na Secretaria Estadual de Educação, Henrique reclama da falta de reajuste salarial e da injustiça da comparação entre colegas professores promovida pelo Programa Nova Escola, embora acredite que este não teve nenhum impacto no seu trabalho: “acho que não é uma avaliação tão séria a ponto de eu me preocupar com essas notas”.

Henrique vê o papel do professor na atualidade de modo duplo. Por um lado, há o trabalho acadêmico, o cumprimento o programa, a passagem de informações dentro da área do conhecimento. Mas, embora ele mesmo considere “meio utópico”, pensa que o “papel principal é justamente este aspecto humano, de ser um formador de pessoas dignas”. E exemplifica desta forma: “Eu sou o tipo do professor que se o aluno vê um erro de correção meu na prova eu dou o ponto para ele. E se ele vê que eu corriji errado e é para diminuir eu não diminuo, porque o que vale é a honestidade”.

Maísa: a professora enérgica e carinhosa

A professora Maísa tem 39 anos, dezoito de profissão, dez dos quais exercidos na escola-da-dona-Clair, onde já ministrou aulas de Artes para todo o segundo segmento do ensino fundamental até o ensino médio. Como é professora de nível II e estava desviada de função, perdeu a vaga para uma professora concursada que chegou há alguns anos, e atualmente dá aula de Artes apenas para o sexto e sétimo anos do ensino fundamental na escola⁴⁶.

Maísa começa me contando sobre sua infância vivida no centro da cidade e em

⁴⁶ Nossa conversa aconteceu durante uma aula vaga da professora, no pátio da escola, longe de todos. Apesar da condição meio improvisada, considero que foi muito proveitosa, pois Maísa foi se soltando durante a entrevista, passou a rir e a alargar suas memórias, além de que fez comentários sobre as perguntas formuladas (“tuas perguntas são muito difíceis!” ou “que pergunta, hein? Você é muito esperta!”).

um sítio próximo, onde seu pai trabalhava como lavrador, e sua mãe, como dona de casa. Ambos estudaram muito pouco, assim como seus irmãos, que cedo abandonaram os estudos. Ela é a única pessoa da família que cursou até a faculdade. Revela que sempre desejou estudar, porque é uma atividade de que gosta muito, e se recorda dos antigos professores com muito carinho. Depois de completar o ensino médio e o curso Normal em uma escola pública, ficou um tempo sem freqüentar escola até optar por cursar a Faculdade de Artes, em uma universidade particular aos fins de semana, em Niterói, seguida de uma pós-graduação em artes plásticas, esta feita “apenas para constar”. A faculdade, por outro lado, “ajudou muito” no acesso aos materiais de trabalho, livros, e esta época é considerada como de maior investimento na carreira. Entretanto, ela acredita que o curso não tenha contribuído muito para a sua prática na sala de aula, experiência que Maísa tem desde os 18 anos de idade.

A entrada na profissão se deu por falta de opção e porque Maísa precisava ganhar dinheiro. Se pudesse escolher, teria sido nutricionista, já que diz que “a alimentação é tudo nesta vida”. Começou dando aulas na escola-da-dona-Clair, para uma “maravilhosa turma de alunos gracinhas” de segunda série. Depois, já concursada e com uma segunda matrícula, trabalhou em outras escolas rurais. Fala com empolgação de como era cheia de sonhos com melhores condições de trabalho docente. E completa, frustrada, sobre o atual momento da carreira: “com o tempo, com a desvalorização, a gente vai perdendo o encanto. (...)A gente vê que o profissional que faz não tem valor, o que não faz também não tem. A gente acaba desanimando. Eu ainda não desanimei de trabalhar ainda não”.

Das professoras que teve, lembra-se especialmente de duas, com quem se identificou pelo “modo enérgico”, mas ao mesmo tempo amigo dos alunos; pelo “jeitinho organizado e calmo”, de que nunca se esqueceu. E completa que acha que às vezes é exigente até demais, mas que é uma forma de valorizar o que trabalha, porque Artes é matéria que não reprova e se não insistir e mostrar a importância, os estudantes não fazem nada, “acham que estão na hora do recreio”. Ao mesmo tempo, afirma ser carinhosa e acolhedora com seus estudantes, que considera, entretanto, muito mudados nos últimos cinco anos. Para ela, que está na escola há muito tempo e

que já foi professora de todos eles, “agora, eles não têm mais empolgação”, “fazem de qualquer jeito”. Segundo ele, “os [alunos] de antigamente te encontravam na rua (...) A relação que existia era de *amizade* mesmo: eles te cumprimentavam, valorizavam o professor. Hoje isso não acontece, porque há coisas muito mais interessantes do que vir à escola. Antes, a escola era um ponto de encontro. Acho que isso não está acontecendo mais. Vir à escola está sendo uma coisa chata, enjoada”.

“Enjoada” para todos os sujeitos envolvidos no processo educacional, pois Máisa considera que “a escola está assoberbada” e que sua principal função, que é de ensinar conteúdos, está se perdendo: “Você tem que ser responsável por tudo: educação ambiental, sexual, tem que falar sobre drogas, educação de trânsito”. Isso para não falar da falta de autoridade do professor, que não pode sequer tirar um aluno inconveniente da sala.

O quadro desanimador se completa com as condições atuais da escola-da-dona-Clair, referida como desorganizada e largada, sem material suficiente para o trabalho escolar. Máisa diz “respeitar dona Clair”, mas se sente injustiçada e sem apoio por parte da direção, que escolhe alguns professores e passa a mão na cabeça dos estudantes. Este é o motivo que ela dá para o aumento da falta de respeito e de disciplina por parte do alunado, que parece pensar: “eu posso fazer o que quiser, que não vai acontecer nada comigo”, reflete ela.

Por outro lado, Máisa gosta de trabalhar na escola de Vista Alegre, situada a mais de 20 km de sua casa, porque seus estudantes ainda são os mais interessados que ela tem e porque os professores são amigos, se preocupam um com o outro, ou seja, mantêm entre si uma relação “*muito* diferente das outras escolas” em que ela trabalha.

A professora não considera ter um estilo pessoal e único de ensinar. Mas dá algumas dicas de como se preocupa em fazer do ensino das Artes algo sério, que tem um conteúdo importante, que vale ser conhecido. Para isso, é exigente nas avaliações (produções artísticas dos estudantes), tenta atrair a atenção com muitas fotos de obras de artes, procura dar atenção a todos durante as tarefas práticas, que são mescladas ao conteúdo mais teórico.

Máisa revela durante a entrevista que desenha com lápis e que, no futuro, quer estudar pintura a óleo. Sente-se muitas vezes realizada com as produções de seus

alunos do Viola, elemento, aliás, destacado entre outros como a parte boa do ofício docente, cuja narração termina assim: “o lado bom de ser professor é esse contato com o aluno, de você sentir o seu trabalho ali. Você saber que está levando alguma coisa de novo para ele. Coisa que ele nunca (ainda mais esses daqui, que têm menos acesso), nunca poderia imaginar que você está ali para mostrar isso. Isso é bom!”.

Pilar: a comportada, cujo umbigo está enterrado na escola

A professora Pilar⁴⁷ se apresenta como a pessoa que “tem o umbigo enterrado na escola-da-dona-Clair”, já que nasceu no cômodo onde hoje é a cozinha da escola, em 1962, época em que seus pais eram zeladores da instituição e lá moravam. É professora há vinte e cinco anos, quinze dos quais trabalhados na escola de dona Clair. Depois desta, é a funcionária que mais tem vínculos familiares com os outros professores da escola: é tia e ex-professora das professoras Iara e Tarsila, irmã da professora Iracema e mulher do professor Jéferson.

Além disso, é ex-aluna da escola, onde estudou até a quarta-série, a última que a escola oferecia no início dos anos de 1970. Lembra com emoção de como foi para lá aos 5 anos, ainda “como ouvinte”, acompanhando uma das professoras que moravam na sua casa⁴⁸. De como já sabia escrever o *aeiou* e de como gostava muito de estudar: “Tinha paixão! Fui para escola feliz da vida. No primeiro dia, tinham até umas visitas lá em casa, mas eu nem quis saber delas. Quis saber de ir para a escola”. Da época de estudante, recorda-se da dona Clair ensinando-lhe contas de dividir e de uma professora de Geografia, carinhosa, mas exigente no comportamento. E ela diz ter sido sempre “uma aluna comportada, que gostava *muito* de estudar”.

A menina, que queria ter estudado Direito “porque achava bonito”, mudou-se com a mãe e a irmã para o centro da cidade, onde completou seus estudos até o curso Normal na única escola particular então existente. Conta com orgulho de como sua turma era coesa, “muito boa e elogiada pelos professores” e foi pioneira no ensino

⁴⁷ Pilar me recebeu na copa da casa em que mora com o marido, o professor Jéferson, no centro do município, para uma conserva de hora e meia.

⁴⁸ Nesta época, o pai já era escrivão da localidade e puderam comprar uma casa, onde abrigavam as professoras vindas de fora, fato já narrado pelas professoras Iara e Tarsila sobre a casa dos avós.

médio da escola, ocupando o andar mais alto do prédio novo. No ano de formatura no magistério, foi chamada pelo diretor para dar aulas para a turma da quarta-série da escola, quando passou para o concurso público estadual e foi destacada para uma escola na roça, ainda no final do ano, época em que se recorda ter sido obrigada a “tirar a única licença de toda sua carreira profissional”, pois teve catapora.

No ano seguinte, lecionava às tardes na escola particular, no centro da cidade, e ia dormir na casa de um morador de uma localidade na roça, onde era a diretora e única professora de mais de quarenta crianças da escola local. Recorda-se de ter feito várias experiências, separando e unindo as mais diversas turmas da escolinha e até hoje não sabe muito bem como “deu conta”, mas credita o sucesso ao fato de gostar daquele trabalho e de ser jovem. Logo depois, emenda que sua “preocupação com a responsabilidade de fazer as coisas direitinhas, da melhor maneira possível” também ajudou neste processo, além de que o professor deve “acreditar no que está fazendo e fazer”.

Ainda esteve em outras escolas rurais com turmas multisseriadas e direção, às vezes dividindo as turmas com outros professores, inclusive com o já então marido, o professor Jéferson. Com “6 ou 7 anos de exercício”, considera que se sentiu “aprovada”, pois ganhou uma turma única de vinte e dois alunos na classe de alfabetização, que acompanhou até a segunda série com 100% de aprovação.

Em 1992, foi trabalhar na escola-da-dona-Clair, como professora de matemática das quintas e sextas séries, por ter feito um curso adicional, o que aliviou sua carga horária, em que pese a distância entre a escola e sua casa. Pensa que o clima de trabalho da escola é muito agradável, que “todo mundo é legal com todos. (...) todos se respeitam”. Ainda, acha o alunado da escola bom, com crianças “educadas”, que não lhes dão problemas com comportamento e com quem se consegue “trabalhar bem”. Confessa procurar ver seus alunos como se fossem os filhos (que ela não teve) e que, apesar da responsabilidade de lidar com pessoas, percebe a experiência docente como boa, porque “a gente leva e traz” conhecimento intelectual e humano. Acredita que os estudantes a acham tranqüila e calma, e a direção, pontual e assídua ao trabalho. Por sua vez, ela sente dona Clair como “parte da família” e emenda, aos prantos, que não consegue ver o Viola sem dona Clair, pois “vai ficar um vazio muito

grande” com sua aposentadoria em 2008.

Ao ser pedida a comparar a docência de um e outro segmento, Pilar afirma que, além da carga horária mais intensa, o trabalho como professora primária era mais difícil, especialmente com as crianças da zona rural, que vêm para a escola sem saber sequer pegar no lápis.

Atualmente, Pilar acumula duas matrículas, uma delas como secretária, função que diz dar-lhe grande satisfação. Embora não se sinta sobrecarregada de trabalho, ela confessa um certo cansaço da sala de aula: “É uma coisa psicológica, pois, com 25 anos com turma, só tirei aqueles 15 dias de licença da catapora”, justifica.

A professora acredita na necessidade de mostrar aos estudantes a importância do aprendizado da matemática, “mesmo para quem vai fazer uma coisa muito simples, como tirar uma carteira de motorista”. Ela inicia suas aulas “rezando um Pai Nosso, a reza universal”, vê individualmente quem fez o dever de casa e os corrige coletivamente. Gosta de explicar a matéria antes de chegar ao livro, o que geralmente faz no quadro negro. Vai introduzindo o assunto novo e fazendo exercícios no quadro aos poucos. Resume seu trabalho mais ou menos assim: “procuro sempre fazer tudo com eles”.

E dá a receita do bom professor: dedicação ao trabalho (que significa fazer da melhor maneira possível), honestidade, planejamento das aulas (mesmo com 25 anos de exercício docente), assiduidade e amor ao trabalho.

Iracema: a professora nostálgica e sistemática

Iracema nasceu em Vista Alegre, tem 47 anos, vinte e cinco de profissão, sendo que doze deles exercidos na escola-da-dona-Clair⁴⁹. Atualmente divide seu tempo como secretária de uma escola estadual numa comunidade rural próxima de Vista Alegre. Tem uma filha de 19 anos, universitária, com quem diz gastar todo o seu

⁴⁹ Cheguei à casa de Iracema, onde conversamos na sala de estar, pouco depois de terminar a entrevista com sua irmã Pilar, pois elas moram na mesma rua no centro da cidade. O clima de nostalgia de um passado glorioso e de valorização da profissão docente pode ser sentido durante todos os minutos das quase duas horas de nossa conversa. Anotei no diário de campo que perdi a conta da quantidade de vezes que Iracema repetiu “estou cansada. Tenho que me aposentar”. Ela me pareceu desesperada e terminou com essas palavras nossa conversa: “Em educação, nada você vê resultado. Só pedem nossa opinião, mas não a respeitam”.

salário. Julga pertencer à classe pobre e faz questão de colocar que nunca conseguiu ter nada com os ganhos provenientes do magistério, lembrando que o carro, a casa e o sítio que possui foram presentes de seus pais.

Apesar de considerar desnecessário contar os fatos da sua infância por ela ser irmã da professora Pilar, vou narrar as impressões por ela destacadas. Ela tem poucas lembranças cognitivas da infância e apenas conta que “gostava muito de hospedar as professoras em sua casa”, o que não faria hoje, porque é “muito sistemática”. Sobre estudar no Viola, recorda-se que ia descalça para a escola e lembra com saudades da professora Clair, por quem tem muito “respeito e carinho” e que é considerada como alguém da família. Iracema conta, rindo, como dona Clair uma vez “deu uns tapas” para disciplinar seu filho, colega de turma de Iracema, e de como costuma brincar dizendo : “dona Clair batia em aluno na sala de aula!”

A carreira profissional iniciou-se aos 20 anos, já casada com um administrador de sítio e motorista, unidocente e diretora em uma escola rural de sala única e dois banheiros, “igual a uma casinha de boneca”, com cerca de vinte alunos, sobre os quais ela comenta: “Eu adorava aquelas crianças.” Trabalhou como professora primária em várias escolas rurais por treze anos até ser chamada por dona Clair para dar aula de língua portuguesa no Viola para todas as turmas de quinta e sexta série, por ter feito um curso adicional.

Sobre este novo momento, Iracema afirma: “Me senti em casa. Sempre me senti em casa lá. Apesar de tudo, dessa revolta com a situação de trabalho, lá me considero em casa, entendeu? Eu tive oportunidade de sair de lá, mas eu gosto, eu gosto”. Isso porque “lá eu conheço todo mundo. Os funcionários da escola, mais antigos, é tudo gente minha. Tem minha irmã que trabalhou de servente e se aposentou, meu irmão que morou lá, as minhas sobrinhas estudaram e trabalham lá. Têm os alunos. Já dei aula para os pais dos alunos. Tenho muita raiz, muita ligação. Eu não gosto que falem mal da escola”.

Em relação aos alunos, por quem ela diz ter paixão e carinho, ela afirma estar achando-os “mais frios na relação” (“durante o período que dou aula para eles não. Mas quando estão na oitava [série], eles não se lembram mais de você”), “cada vez pior”, “menos interessados em estudar e menos competentes, apresentando cada vez

mais problemas de leitura e interpretação. Ela credita este fato à falta de perspectiva de futuro, pois os alunos comentam: ‘os pais da gente nunca estudaram e estão melhores que a gente. Então, para que estudar?’”.

Se, por um lado, percebe que a maioria dos estudantes vê a escola “como o momento de lazer” e vão até lá para encontrar os amigos, por outro lado Iracema se considera uma professora “muito exigente”, “brava”, “meio tradicional”, que tem compromisso de que seus alunos saibam “pelo menos ler e interpretar mais ou menos”. Portanto, os estudantes a vêem como uma professora “muito chata”, “que não gosta de barulho”.

As práticas usadas na sala de aula são condizentes com os objetivos e seu jeito pessoal, pois Iracema costuma usar muito o quadro negro e cópia, e exercícios mimeografados, além de seguir um livro didático (ainda que preferisse usar textos avulsos, cujas cópias a escola não dispõe). Na hora de disciplinar, estabelece no início do ano as regras e segue-as à risca. Confessa, ainda, ameaçar os estudantes com castigos, como a cópia. E lembra que esse jeito “funcionou todo esse tempo”.

Mariana: a dinâmica professora-diretora

Mariana é a professora de Geografia do Viola, como se refere à escola, onde acumula, com a segunda matrícula que possui no estado, a função oficiosa de vice-diretora, auxiliando diretamente sua mãe, dona Clair, nos trabalhos de gestão. Em 2008, com a aposentadoria de dona Clair, assumiu a direção da escola. Deseja, quando aposentada, fazer uma faculdade de gastronomia e abrir um restaurante⁵⁰.

Mariana nasceu há 46 anos na casa onde atualmente mora sua mãe e que antes pertencia ao avô paterno, um dono de cafezal que era “tratador” (cuidava da saúde das pessoas) e que gostava de fazer hortas. Dispensável dizer que Mariana foi muito influenciada pela mãe Clair na “escolha profissional pela área humana”. Tentou cursar Serviço Social (“porque gosto de lidar com as pessoas”) antes de não passar no vestibular e resolver fazer Ciências Sociais, pois “tinha uma carência muito grande

⁵⁰ Nossa conversa, de hora e meia, aconteceu na sala de estar de sua ampla casa de fazenda, onde mora com o marido, empresário e sócio, e atual Secretário Municipal de Meio Ambiente, e com dois dos três filhos de 20, 19 e 15 anos (a filha mais velha cursa faculdade de relações internacionais em Niterói).

de professor de Geografia e quem fazia Ciências Sociais tinha direito a dar aula de Geografia”. E completa a influência da escolha: “Mamãe sempre professora e a gente vivia muito dentro de escola. Nem sei se isso influencia. Sei que convivi muito dentro de escola. Mamãe sempre trabalhou, levava a gente quando éramos pequenos, porque não tinha com quem deixar”.

Do Viola, onde estudou até a quarta-série e foi colega de turma da professora Pilar, recorda-se de como a escola era bem menor, de como se “brincava muito, pulava muita corda, essas brincadeiras, futebol”. Lembra da professora Dora Beatriz, que “era muito boa, e que vinha arrumada para a escola, era muito dinâmica, explicava muito a matéria, gostava de brincar com a gente. E ela fazia Odontologia. Eu achava aquilo o máximo”.

O percurso escolar foi completado em escolas particulares no centro da cidade e na cidade mais próxima, onde terminou o ensino médio e frequentou a mesma faculdade particular que os professores William, Jéferson, Henrique e Isaura. Dessa época, lembra-se do professor Eraldo, “muito amigo, companheiro”, “mas com muita facilidade de passar os conteúdos e se expressar”, além de ser exigente. E, ainda, da Susi, de Sociologia, “pessoa atualizada” que possuía muito um material didático “antigo, tradicional. Material bom”. Por fim, cita João, professor de História no ensino médio e na faculdade, “ótimo no conteúdo e pessoa alegre”, cujo modo de introduzir o conteúdo parece ter influenciado muito Mariana, ainda que ela não tivesse consciência disso, o que foi percebido por mim, que também fui aluna deste professor por três anos durante o ensino médio: ambos fazem um resumo no quadro com os principais pontos a serem abordados e vão desenvolvendo-os em conversas com os estudantes.

Além dessa estratégia, Mariana diz variar constantemente, fazendo leitura e exercícios em livros, discussão com mapas, DVDs, seminários em que os alunos estudam e apresentam o assunto, pesquisas na Internet. Ela define assim o seu jeito de ser e de trabalhar:

Eu não sou muito carrasca, muito exigente demais. Acho que ‘cada um tem seu cada um’, e eu procuro respeitar isso no aluno. Mas eu tenho pavio meio curto. Tem hora que eu brinco sem necessidade e depois me arrependo. (...) depois, eu descasco. (...) Eu não faço nada de extraordinário dentro daquilo que eu tenho que trabalhar. Mas eu procuro ser bem organizada na sala, dinâmica naquilo que eu faço. (...) Eu não sou

muito de enrolar. Tem gente que fica com um assunto toda vida. Eu sou prática nessas coisas. Minhas aulas têm muita praticidade. (...) Muito dentro dos parâmetros normais. Não faço nada diferente não! Todo mundo sentadinho, normal. Faço, às vezes, umas aulas em círculo.

Acredita que “não consegue ficar muito longe do tradicional”, até porque “o aluno não gosta muito”. Para diminuir a distância dos alunos a certos conteúdos, Mariana faz estudos dirigidos, pois também os obriga a ler, além de que “depois retira dos textos as coisas mais importantes e vai explicando”.

Com toda a sua carreira construída no Viola (trabalhou apenas alguns meses em uma outra escola da redondeza e em uma particular no centro da cidade), afirma que a profissão docente não é sacerdócio e pensa que o bom professor tem que ser bem informado, ter carisma, gostar da profissão e “vibrar com o que o aluno faz”, “se envolver emocionalmente”, além de “procurar, na escola, não levar problema de casa”, como lhe ensinou sua mãe. Mas também tem que ser ético, com boa conduta (não ser alcoólatra, drogado, nem prostituta, nem corrupto), e um cidadão, “aquele que tem direitos e deveres”: comida, emprego, lazer, bens materiais, uma vida digna.

Mariana crê que tem uma relação de amizade com seus alunos (“nada de mãe ou tia não”), que a vêem entre “boazinha” e, contrariamente, “muito ruim, ignorante, estúpida, brigona”, imagem esta possivelmente mais ligada à de diretora. Por um lado, os colegas consideram-na “meio diretora” e ela faz questão de passar uma imagem de uma “diretora mais participativa”, “que não tenta impor as coisas”, embora em outro momento reconheça que “nem sempre muita democracia resolve não e nem sempre a propaganda é a alma do negócio”, quando contou que “convocou” e não “convidou” os estudantes para uma atividade de fim de semana na escola e, também, que a decisão de agendar uma palestra com um convidado de fora da escola durante o horário de aula fora tomada sem comunicação prévia aos professores do dia, porque “não ia dar tempo”. Por outro lado, ela crê que eles a acham brincalhona e muito franca.

A identidade diretora pensa que trabalha “do mesmo jeito que mamãe trabalha: com seriedade, sem enrolar”. O que faz com que todos se sintam “bem dentro da escola”, que segundo ela, “tem uma química difícil de descrever”, mas tentada assim: “não sei se é porque a gente trabalha na simplicidade nossa ali, sem se preocupar

muito com as outras escolas. (...) Ou se as pessoas confiam muito em mamãe(...). Para Mariana, a química está no modo como dona Clair administra “o contato com ser humano”, feito sem desconfianças : “as pessoas confiam nela (...), de muitos anos, muitos já foram alunos dela”. Apenas uma reclamação é feita à gestão da mãe, que “precisava exigir mais dos professores”, “convocar mais todos da escola”, completa ela meio chateada.

Mariana acredita que a função da escola é dar suporte à família na formação das crianças para que elas sejam felizes. Para os estudantes do Viola, “alunos de grande conteúdo”, a escola é “o momento de eles saírem um pouco de casa, descansar do trabalho, se aprontar para ir para lá (...). Eles nunca estão sujos. E se a gente não bater o pé eles não querem ir de uniforme não. E vão sempre arrumados”.

Tirando a questão do salário, “que é meio enjoada” e “dá frustração”, Mariana afirma gostar muito de dar aulas, que se sente “sempre melhorando” e compara o dinamismo do magistério com a própria vida, que muda muito, o que lhe dá prazer. Diz gostar também porque “gosto muito de lidar com gente (apesar de, de vez em quando, aborrecer). Você sempre conhece muitas pessoas, muitas novas pessoas”.

O jeito de exercer o ofício ela diz ter aprendido com a criação que teve dos pais, que a fizeram a pessoa que é hoje. Com o pai, aprendeu a ser verdadeira (fala o que pensa e sente) e impetuosa (“estar muito bem e dar vontade de ir embora”). Com a mãe, não consegue descrever o que aprendeu e se indaga: “O que eu herdei de mamãe? Eu falo tanto que sou igual a ela! [silêncio] O jeito, o jeito de ser”, completa.

Maria: a que tem preocupação com o ser humano

Maria é filha do maior produtor de café do estado do Rio, é formada em Pedagogia, tem 39 anos, dezessete de profissão dos quais dezesseis exercidos na escola de Vista Alegre, sua única matrícula no magistério⁵¹.

⁵¹ Maria, cuja justificativa do nome escolhido é “a que tem preocupação, amor ao ser humano”, foi minha última entrevistada, pois manifestou pouca disponibilidade para o encontro, chegando a desmarcar um primeiro agendamento. Foi recebida numa das muitas salas de estar de sua cobertura duplex localizada no centro da cidade, onde mora com o marido, empresário e fazendeiro do café, e três filhos, de 17, 16 e 11 anos, que nos interromperam algumas vezes. Ela era uma das professoras por quem cultivava especial curiosidade em conhecer a história pessoal, por ela pertencer à classe alta e ser professora numa escola pública rural afastada de sua residência.

Maria me conta que queria se psicóloga, mas que seu pai, muito severo, não permitia que as filhas saíssem do interior para estudar na cidade grande, onde havia a faculdade. O desejo era porque ela gosta “muito de trabalhar com as pessoas, de conversar, de estar com as pessoas e procurar ajudá-las”, o que ela acaba fazendo hoje no magistério e no “movimento de igreja”, às vezes, até “alcançando um maior número de pessoas dentro daquilo que me proponho” do que se tivesse feito psicologia. Ela diz que “compreende o erro, passa por cima do erro, pelo zelo” do pai e que em sua casa sempre “teve muito carinho, muito amor”.

O percurso escolar inclui o curso Normal e a faculdade de Pedagogia, com uma pós-graduação em informática educativa, e foi todo feito em escolas particulares. Dele, Maria se lembra de uma professora de biologia do ensino médio que parecia preocupada com o que o aluno estava vivendo, não se ocupava só com a matéria, mas ensinava também valores humanos, que o aluno pudesse aplicar na vida dele. Esta formação humana é reconhecida como fundamental para o jeito pessoal de ser da professora Maria hoje.

Assim que se formou, trabalhou alguns meses em uma escola rural, mas logo escolheu trabalhar no Viola, porque se identifica com as pessoas que lá trabalham, pois elas “têm essa coisa de querer fazer o melhor que pode”. Em suas palavras: “eu me identifico com a realidade rural. Eu gosto de sítio, adoro essa realidade! A gente tem contato com a natureza, vou para Vista Alegre passeando. Acho gostoso pegar o carro e ir até lá estar com as pessoas. (...) Lá é tipo uma grande família”.

Acredita que dona Clair a vê como “uma pessoa com quem ela pode sempre contar” e que seus colegas a percebem como “uma pessoa responsável, que procura, dentro do que pode, fazer mais do que deveria”. Isto, entre outras coisas, se deve ao fato de que Maria é a autora do Projeto Político Pedagógico da escola e de suas atualizações nos últimos anos. Ainda, se pensa como uma profissional que tem preocupação com sua formação acadêmica (“nunca parei de estudar”, diz ela) e com o aluno, procurando diversificar sua prática, “porque o mundo hoje está muito dinâmico e se a gente não procurar passar esse dinamismo o aluno não agüenta, nós não agüentamos mais”. Os estudantes do Viola a consideram “amorosa, carinhosa e exigente”, e é assim que ela busca estabelecer a relação com eles, uma “profissional

carinhosa e preocupada”.

E eles são vistos por Maria como pessoas “mais humildes em termos de posses”, que “ainda têm aquela coisa da roça, são alunos mais educados”, para quem “a escola é tudo, é o momento em que eles param de trabalhar (...). É uma tentativa de melhorar a sua situação social. É o momento de estar com os amigos, porque não tem programa lá, é o momento de sair um pouquinho da realidade deles”.

Maria reluta um pouco a levantar os dados negativos relativos à escola (“eu não sou de olhar aspecto negativo (...) O que é negativo eu joga para trás”), mas depois lembra do ambiente físico precário, da falta de boa formação do professor, e, por último, declara que a realidade pública brasileira, como a falta de respeito e consideração com os professores por parte do Estado, é desestimulante: “Eu não penso no que eu recebo nem para quem eu trabalho. Porque, se eu pensar, eu vou ser uma péssima profissional!”, arremata ela. Maria era, junto com Sofia, uma orientadora tecnológica da escola que perdeu seu cargo no início de 2007⁵². Deu um jeito e, apesar de ministrar oficialmente as matérias de Sociologia e Filosofia, além de Atividades Complementares, continua trabalhando no laboratório de informática, “um recurso a mais. Mas que a gente usa com excelência”, “sem abrir mão dos outros”: trabalha pesquisa, a parte artística, com português na produção de resumos, por exemplo.

O dia de trabalho continua sendo planejado aula por aula e descrito como “intenso, para dar conta de tudo: eu não descanso um minuto!”. Ela começa abrindo as páginas da Internet previamente selecionadas para a navegação, de acordo com o assunto estudado (“mas sem conteúdo fechado”), e vai orientando individualmente ou em par, procurando “ampliar e cobrar mais daqueles que podem ir além”, embora reconheça que “gosta de ter o domínio total, de estar todo mundo junto”. Quanto à avaliação, os critérios escolhidos são “o trabalho realizado, o interesse e a participação”.

Maria diz que é bom ser professora (“muito gostoso!”) , porque é “a oportunidade que a gente tem de conhecer o outro, de fazer o outro se conhecer. É a hora de botar um ponto de pergunta na cabeça do aluno”. Acredita que a finalidade do

⁵² Como detalhadamente retratado no capítulo sobre a escola e na história de Sofia.

trabalho do professor na atualidade seja a de “formar um cidadão melhor, consciente. Tentar prepará-lo para esse mundão”. O cidadão é definido como aquele que tem um sentido na vida: “Ele tem que saber o que ele quer como pessoa, ter conhecimento da realidade em que ele vive, para não ser levado de qualquer jeito com as amizades, com os ambientes. Ele tem que saber o que quer da vida, mesmo que não saiba tudo”. Em outras palavras, o professor deve “ajudar o aluno nesse processo de auto-conhecimento. Porque conhecimento não é só fora. (...). Quando ele se conhece, ele pode fazer melhor as escolhas. Ajudar não no sentido de direcionar, mas de percepção, respeito próprio, com o outro. Auto-conhecimento”.

Pergunto-lhe se com seus anos de experiência ela não acha que é muita tarefa para um professor, ao que ela responde que sim, mas que ele acredita que “se todo mundo tentar, todo mundo puxar um pouquinho, a coisa acontece”. Ainda segundo ela, o segredo do professor é ter carinho pelo aluno e valorizá-lo, dando-lhe uma atenção particular e fazendo com que ele reconheça “que a gente está procurando fazer um trabalho legal”.